ENTREVISTA EXCLUSIVA COM BOY GEORGE

Nº 2
SETEMBRO 1985
Cr$ 2.500

BIZZ

PROMOÇÕES:
1000 LPs e
15 MICROS!

MADONNA
NO ESCURINHO
DO CINEMA

JOPLIN e HENDRIX
15 ANOS DEPOIS

OS BASTIDORES DO
LIVE AID

CAZUZA X LOBÃO

E MAIS: TEARS FOR FEARS, TALKING HEADS, RPM, LETRAS, VIDEO, CINEMA!

STING
POSTER

Manaus, Santarém, Rio Branco, Ahamire, Boa Vista, Macapá, Porto Velho, Ji-Paraná, Sinop, Alta Floresta (via aérea) Cr$ 12.400 - 5581

Foto Abril

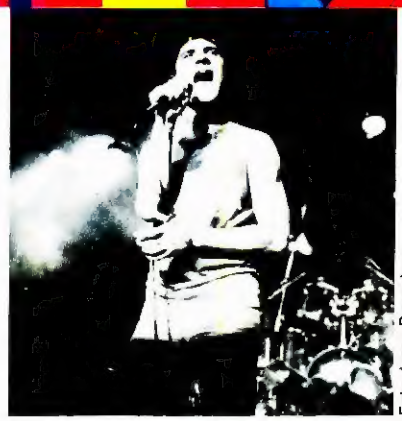


Foto Jorge Rosenberg

Dulce (a quarta, da esquerda) deixou o Sempre Livre; Cazuza largou o Barão

CAZUZA E DULCE ESTÃO FREE

O *Barão Vermelho* não é o mesmo. Surpreendendo os demais integrantes do grupo, Cazuza anunciou sua partida para a carreira solo — justamente às vésperas da entrada em estúdio para a gravação do quarto LP do Barão. Mas o grupo, até segunda ordem, não irá procurar substituto para o cantor: eles decidiram repartir os vocais principais.

"Para nós foi uma surpresa total", disse o guitarrista *Roberto Frejat*. "Mas há dois meses nós e o Cazuza brigamos. Ele dizia que não estava satisfeito, então dissemos que ele deveria sair. Ele resolveu ficar. O grupo estava passando por uma reformulação do seu som e este novo disco seria a primeira amostra — desta vez, ao invés de continuar a predominância da parceria Cazuza-Frejat, cada um do grupo participaria com músicas e arranjos. O Guto, baterista, já tinha até escrito uma letra".

"Na verdade", continua Frejat, "nós já imaginávamos que isso pudesse acontecer. Só não esperávamos que fosse tão cedo". Por mais que o Barão já viesse se estruturando de uma forma mais democrática, é claro que a saída de Cazuza causará alguns problemas. "Com a saída do nosso letrista oficial", diz Frejat, "vamos ter que tomar cuidado para as letras não perderem a qualidade — nossa característica sempre foi termos letras excelentes. Mas o Guto está crescendo como letrista e acho que vai correr bem".

O quarto álbum do Barão foi adiado e provalvemente sairá em 86. Cazuza, de cama por causa de uma violenta mononucleose, não pôde falar sobre sua saída do grupo, mas sabe-se que ele já está preparando o material para seu primeiro disco individual.

Aproveitando o embalo, vale lembrar que, duas semanas após o racha no Barão, a vocalista *Dulce* deixou o *Sempre Livre*. Por enquanto, nenhum plano além de uma carreira... *free*.

A PERDA DE CAITO

Carlos Alceu Camargo, o Caito 29 anos, advogado e agitador cultural, foi figura de proa do underground musical paulistano. E, graças à sua modéstia, uma das menos badaladas. O rock e a música negra o encantaram aos 8 anos de idade. De lá veio, encantado, escrevendo para revistas, produzindo para rádio, descobrindo, empresariando e incentivando bandas como **Ira!**, **Mercenárias**, **Muzak** e **Akira S e as Garotas que Erraram**. Um estranho *manager*, que devorava discos, fitas e shows, cobrando sua parte em música, nunca em dinheiro. Estudava a implantação de um escritório de apoio às bandas inéditas e às do selo Baratos Afins. Preparava-se para tocar sax com o Akira S. No dia 11 de junho lançou seu novo programa na rádio USP, o *Novo Testamento*, com uma festa-show. De volta para casa, na madrugada, teve um acesso de bronquite e uma parada cardíaca. Entre os muitos órfãos, ainda que sem filhos, deixa o carinho por aquele que foi como veio, puro.

Foto Rui Mendes/ Carbono 14

Caito e Corina (Akira S) no vídeo Novo Testamento

ALELUIA, ALELUIA

Rumores, boatos e cochichos dão como quase irreversível o lançamento aqui no Brasil, em outubro, dos *três* LPs dos **Smiths** de uma enfiada só. A gravadora responsável — a WEA — daria, inclusive, seqüência à empreitada com um pacote de *doze* LPs de independentes ingleses, que seria lançado no início de 86. Entre eles, **Anne Pigalle, Damned** e **Everything but the Girl**.

Por falar nos Smiths, o grupo continua com a bola toda, sem perspectivas de murchar. Na eleição dos melhores do ano por leitores do *Melody Maker*, levaram o troféu de *melhor banda*, **Morrissey** foi o *mais bem vestido*, *segundo melhor vocalista* e *segundo cara mais legal* (o primeiro foi **Bob Geldof**, claro). O guitarrista **Johnny Marr** foi eleito ainda *melhor instrumentista*. Somando esses resultados com a votação do *New Musical Express* (principal concorrente do *MM*), publicada em fevereiro, o resultado é um verdadeiro banho nos grupos que se revezaram nos vários segundos e terceiros lugares: **U2** e **Echo & the Bun nymen**.

Morrissey e Johnny Marr

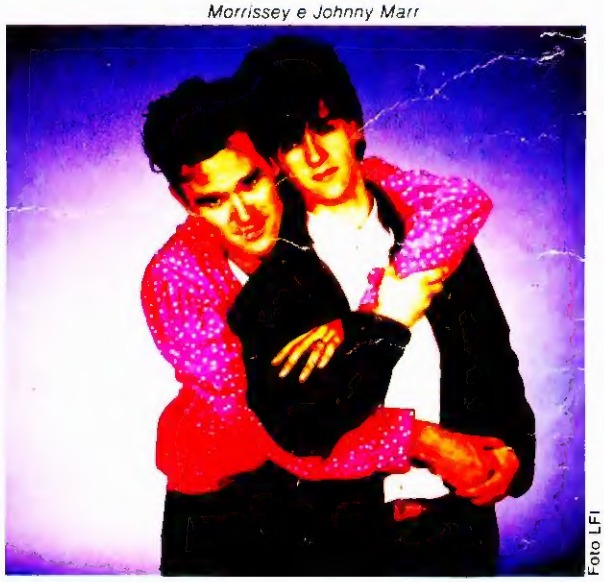


Foto LFI

Foto LFI

Dead Kennedys em ação: ao centro, o prefeitável J. Biafra

DEAD KENNEDYS VEM AÍ

Se tudo der certo, em janeiro. Os "Kennedys mortos" estão entre as principais bandas do *hardcore*, o nu e cru punk californiano. E seu vocalista *Jello Biafra* — que já foi candidato à prefeitura de San Francisco — já se corresponde há um tempão com a tribo punk paulistana. Segundo os responsáveis pela visita, o selo independente Ataque Frontal, só falta mesmo acertar o cachê — o que não deve ser difícil, considerando-se que os Kennedys estão "loucos para tocar aqui".

O Brasil inteiro sob a mira de Nina

Foto Diana Lyn/Gamma-Liaison

NINA APORTA DE DISCO VOADOR

Acompanhada de sua super banda, treze toneladas em equipamentos e até um disco voador, **Nina Hagen** desembarca nestas terras no dia 11 de setembro para nada menos que dezesseis apresentações em todo Brasil.

A *tour* vem em hora apropriada, já que a CBS acaba de lançar aqui seu novo LP *In Ekstasy*. E é ele que dará o tom no repertório dos shows, temperados, ainda, com antigas composições. O espetáculo não dispensará nem a performance de dois homens cosmicamente estilizados, que sairão em vôo do OVNI, peça central para ambientação do palco.

Os responsáveis são os irmãos **Sandro** e **André Luis Sameli** e seu sócio em Los Angeles, **Jimmy Martins**, os mesmos que a raptaram do Rock in Rio para a danceteria paulista Latitude 3001 em janeiro passado.

A primeira apresentação será em São Paulo, no Ginásio do Ibirapuera, com preços previstos entre três e cinco dólares. A partir daí, outros estados brasileiros e América Latina.

OUÇA ESSA

Provável título do próximo LP de **Lobão** e seus **Ronaldos**: *Saudades da Ditadura ou Até aí Morreu Neves.*

ROTH DESPEDIDO DO VAN HALEN

Se você esperava a volta do Van Halen para qualquer momento, pode sentar. E continuar esperando.

Eddie Van Halen garantiu à revista *Rolling Stone* que a banda, "do jeito que todos a conheciam até agora", acabou. "Dave se mandou para virar astro de cinema", vociferou Eddie "e ainda teve peito de me pedir que escrevesse trilhas-sonoras para o filmes *dele!* Pouco me importa o que ele diga — já estou procurando outro cantor para substituí-lo. Além do mais, Dave não seria capaz de cantar muitas músicas novas que compus — ele só consegue se dar bem gritando nas músicas. Se ele não consegue gritar, está frito!"

Roth agora é solo para valer

Foto Neal Preston/LFI

STONES NO ESTÚDIO (E MUITO MAIS...)

É isso aí. Encerrado seu rodopio solo, Mick Jagger está reunido com seus colegas de trabalho e o compositor **Steve Lilywhite** (U 2, Simple Minds) em Nova York, finalizando o sucessor a **Undercover** (83). O lançamento mundial do novo LP (Brasil, inclusive) está previsto para dezembro. Vale lembrar ainda que **Keith Richard** participa do novo LP da bombástica funkeir a **Nona Hendryx**.

Mais movimentação de estúdio lá fora. Previsto para início de 86, o **Yes** vem com um disco produzido pelo infatigável **Nile Rodgers**. Outro retorno de peso: depois de três anos longe do estúdio, os **Dexy's Midnight** lançam seu terceiro LP, *Don't Stand Me Down*. Ainda: o ecumênico **Afrika Bambaataa** — depois de dois históricos compactos, com **James Brown**, outro com o ex-sex pistol **John Lydon** — vai gravar com **Bob Dylan**. A dupla aparece ainda, com Dylan na gaita, no LP da maior seção rítmica da Jamaica, quiça da Galáxia. Estamos falando de **Sly Dunbar** e **Robbie Shakespeare**, claro eles já tocaram aqui com **Peter Tosh**). Outras participações estelares: **Herbie Hancock** e o supersaxofonista africano **Manu Dibango**. Atenção, gravadoras: o LP é do selo **Island**.

À esquerda, o tecnofunkeiro Bambaataa; à direita, um membro do Soul Sonic Force

Foto LFI

A GENTE SOMOS AMIGOS

O ***Ultraje a Rigor*** **já confirmou sua participação na música "Sokobaya" do segundo LP da *Esquadrilha da Fumaça*, que sai em outubro pela Baratos Afins. Além disso, *Roger* e cia. estão tocando "Louras Geladas" em seus shows, enquanto o *RPM* faz o mesmo com "Ciúme". Eles estão, inclusive, fazendo seus shows em teatro, com direção por conta do seco, molhado e emplumado *Ney Matogrosso*. E dando sequência à série "Parcerias Ilimitadas", *Branco* (Titãs) e *Lobão* estão compondo juntos.**

Foto Gamma

Cyndi Lauper é uma das favoritas para a final da MTV Awards

OS FAVORITOS DA MTV

Em 84 a MTV (a FM televisiva americana) instituiu o Oscar do videoclip — **Annual MTV Video Music Awards** — e os **Cars** foram premiados na categoria principal.

Este ano, na categoria *melhor clip, dificilmente "We are the World" será batido*. **Bruce Springsteen** e **Dave Lee Roth** estão pau a pau em melhor clip masculino. Na ala feminina, **Madonna** vem seguida de **Cyndi Lauper, Tina Turner** e **Sade Adu.**

Na festa de premiação, dia 13 de setembro, fica ainda decidido se **Julian Lennon** leva o prêmio de *melhor artista jovem*, Bruce — de novo — em *melhor atuação de palco*, e **Frankie Goes to Hollywood** o de *melhor idéia*. O video de Frankie pode dar também a *melhor direção* para os magos **Godley e Creme.**

METAL AID

O espirito beneficiente dos roqueiros engrossa a cada dia. Agora é a vez dos metaleiros internacionais — numa reunião já apelidada de "Metal Aid" — com um compacto cuja renda será revertida para as vitimas da tragédia ocorrida em Bruxelas, na finalissima da Copa dos Campeões.

A música, chamada "Sport Alive", já havia sido composta pela banda alemã **Jump** e nesta versão *all-stars* conta com a participação de membros dos grupos **Motorhead, Slade, Uriah Heep, Girlschool, Rock Goddess**, do próprio Jump e da usina de pauleira italiana **Scalpi**.

Foto LFI

Motorhead: entre a pauleira beneficiente

ULTIMOS LANÇAMENTOS EM VÍDEO

Acaba de ser lançado lá fora o video do show do **Queen** no Rock in Rio. Editado pela Picture Music International com o título *Live in Rio*, dura uma hora e tem dezesseis músicas. Outro lançamento é *Ricochet* (Jem Music, 59 min.), documentário sobre a turnê 83 de **David Bowie** — a mesma cujo show está registrada no video *The Serious Moonlight Tour*. Por último, uma especiaria independente: *The Violets Video*, com os loucaços **March Violets**, banda inglesa da mesma safra de **The Cult** e **Sisters of Mercy**. A fita inclui o genial hit (nas paradas independentes inglesas, claro) "Crow Baby".

Foto LFI

Dolby, o cientista louco do tecnopop

DOLBY MONTA SUPERGRUPO

Depois de reger a banda de **David Bowie** no Live Aid de Wembley, o tecnotecladista **Thomas Dolby** prepara um LP e uma excursão com uma supersuperbanda. Nos vocais: **Lene Lovich** (se você não conhece, dizem que **Nina Hagen** chupou *tudo* dela). No instrumental, os sopros dos **Brecker Brothers**, o maestro funk **George Clinton** e membros do **Earth, Wind & Fire**. O grupo se chama **Dolby's Cube** e já tem um compacto lançado lá fora, com as músicas "May the Cube Be With You" e "Googooplexus".

MOVIMENTAÇÃO DE ESTUDIO

Ainda em setembro serão lançados os LPs de **Vinicius Cantuária** (Odeon) e **Tokio**, ex-Som Livre, atualmente na CBS. O primeiro LP da banda deverá ter músicas de **Kiko Zambianchi** e **Paulo Ricardo** (RPM). O selo punk independente Ataque Frontal virá com uma coletânea dos grupos: **Cólera, Ratos de Porão, Vírus 27, Grinders, Garotos Podres, Lobotomia, Armagedon, Desordeiros, Auschwitz** e **Spermogramix**.

Em outubro sairão **Ritchie** e **Pepeu Gomes** (CBS), **Erasmo Carlos** (Polygram), **Degradê** (Continental), **Absyntho** (RCA), **Luciano** e **Grupo Flash** e **Sara Jane** (Odeon). O LP de **Sara** também terá música de **Kiko Zambianchi**.

Supla, vocalista do Tokyo

Foto Geraldo Luis Gomes

VISITA ILUSTRE

Uma banda da vanguarda novaiorquinha estraçalhou na antologia *"No Wave"*, produzida em 79 por Brian Eno.

Era a DNA. Seu lider, *Arto Lindsay*, um grande conhecedor da música brasileira — calhou de ter nascido por aqui, embora educado nos EUA — esteve recentemente no Rio para agitar o lançamento do disco de seu novo grupo, os *Ambitious Lovers*.

O disco se chama "Envy".

SHOWROOM: R. AMAURI, 350 - VENDAS: R. GIRONDA, 126 - TEL. (011) 280-3477

O CENTENÁRIO DE UM PIONEIRO

Jelly Roll Morton falava pelos cotovelos. Dizia ter inventado o jazz em 1902 e não perdia uma chance de desancar seus colegas pianistas como **Duke Ellington** e **Fats Waller**. Esta figurinha controvertida, que morreu em 1941 e que, se vivo, faria cem anos no dia 20 de setembro, foi uma espécie de pioneiro na arte de levar músicos de jazz a criar arranjos orquestrais, em substituição à improvisação reinante. Seu trabalho como compositor e pianista pode ter sido superestimado, e sua fama repousa sobre gravações feitas entre 1926 e 1930. Mas sua influência sobre a música que se fez após estas gravações é inquestionável.

FESTIVAL FM DÁ DÓ

Desorganização e desrespeito a um público pequeno e interessado apenas em sucessos de FM. Eis o *São Paulo Rock Show e MPB* promovido pela Rede Bandeirantes de 26 a 28 de julho em Interlagos.

O esquema foi montado especialmente para a TV, com o show interrompido o tempo todo por comerciais e entrevistas. O público, obrigado a levantar toda vez que a câmera se virava para ele, escutava um apresentador confundindo **Walter Franco** com **Jorge Mautner** e outro, bêbado, levando bronca em pleno palco.

Os sucessos ficaram por conta de nomes famosos e frequentadores de FM. Na sexta, **Tim Maia**. No sábado à tarde, **Dr. Silvana e Companhia**. E à noite, **Robertinho do Recife**, **Baby** e **Pepeu**. No domingo, todos dançaram ao som de **Herva Doce** e **Titãs**.

Foto Angelo Pastorello

Robertinho, o heavy recifense, no palco do festival

PONTE AÉREA PARA AS ARTES

Os cariocas invadiram as avenidas paulistas e os paulistanos tomaram de assalto as praias do Rio entre 8 e 20 de julho no projeto **Conexão Urbana**.

Em São Paulo o evento aconteceu na Estação Madame Satã. Além das artes plásticas espalhadas por todo espaço e das leituras de poesia, a conexão trouxe o som da Rádio Fluminense FM de Niterói sob o comando do disc-jockey **Maurício Valladares**. Entre as bandas, o destaque ficou com o grupo **Lado B**.

Já no Rio, as bandas paulistas não puderam tocar. O show de encerramento com os grupos **Voga**, **Basculantes**, **Ecossistema** e **Akira S e as Garotas que Erraram** não aconteceu porque as luzes do Circo Delírio foram cortadas. Mas os cariocas viram as exposições de artes plásticas, foto, cinema, vídeo, dança, teatro, poesia e performances.

Inesquecível a apresentação da futurista "Eletro-Performance" de **Theo Werneck**, com muito baixo e bateria da banda **Akira S. & as Garotas que Erraram**. Ao final, aplausos super entusiásticos para a única apresentação a contar com a presença de uma banda.

Da esquerda: Lucas, Jackson e Coppola

Foto Sipa-Press

MICHAEL JACKSON TRIDIMENSIONAL

Há mais semelhanças entre **Michael Jackson** e **Mickey Mouse** que o fato de os dois usarem luvas brancas. Jackson também vai fazer parte da galeria de tipos dos parques Disney. Sob a direção de **Francis Ford Coppola** e produção de **George Lucas**, ele vai ser o personagem de *Capitão Eo*, um filme em três dimensões de cerca de 12 minutos, que pretende falar de Disney como inovador técnico agora e no futuro, com estréia prevista para o ano que vem no Pavilhão Kodak da Imaginação no Epcot Center.

PUNKS MAIS PARA LÁ DO QUE PARA CÁ

O grupo punk paulistano *Cólera* embarca, no início de 86, para a Europa. Um compacto com três músicas suas está sendo editado na Bélgica, e é com a renda de sua vendagem que eles farão uma turnê por sete países do Velho Mundo.

A viagem dá sequência ao intenso intercâmbio mantido pela tribo. Nas paradas independentes de agosto, na Inglaterra, figura — por exemplo — o compacto duplo do *Olho Seco*, que leva apenas o nome da banda. Além disso, desde o ano passado essas duas bandas mais os *Inocentes* e os *Ratos do Porão* têm faixas editadas em coletâneas da Inglaterra, Alemanha e EUA.

RAUL SEIXAS

LET ME SING MY ROCK N ROLL

Foto Estúdio Abril

UM DISCO PARA RAUL

O fã-clube do Raul Seixas saiu na frente e produziu um LP com o melhor da carreira de seu ídolo. O disco pode ser encontrado nos sebos paulistas ou pela CP 12106 (SP).

AO ESPOUCAR DO CHAMPAGNE

Modéstia parte, as festas de lançamento da BIZZ em São Paulo (22 de julho), Rio (24 de julho) e Porto Alegre (02 de agosto) foram um arraso.

Em São Paulo, os grupos **Titãs** e **Sossega Leão** e o mestre dos discotecários bandeirantes, Mr. **Arthur Verissimo**, chacoalharam os três mil presentes à Pool Music Hall.

No Rio, presença maciça do público, e o palco do Mistura Fina da Barra assaltado pela **Legião Urbana** e **Hojerizah**. Em Porto Alegre o proprietário da danceteria Ovo de Colombo dizia nunca ter visto "algo assim" — as portas tiveram que ser fechadas às três horas, por motivos de segurança, e os últimos festeiros só debandaram lá pelas cinco e meia da manhã.

PARADA BIZZ

MAIT 90
CERVEJA PILSEN

A PARADA BIZZ é feita com a confrontação de dados de execução e vendagem de discos. Eles são extraídos de 61 lojas e 71 rádios FM e AM das principais cidades do país.

CONVENÇÕES:
$ grande vendagem
( ) posição na última Parada BIZZ
(—) novidade na parada

AS 25 MAIS

$ 1	(1)	"We Are the World" - **USA for Africa** (CBS)
2	(14)	"I Was Born to Love You" - **Freddie Mercury** (CBS)
3	(6)	"Louras Geladas" - **RPM** (CBS)
4	(11)	"Fórmula do Amor" - **Léo Jaime/Kid Abelha** (CBS)
5	(5)	"Seu Nome" - **Biafra** (Barclay)
6	(8)	"Tudo Pode Mudar" - **Metrô** (CBS)
7	(4)	"I Should Have Known Better" - **Jim Diamond** (CBS)
$ 8	(9)	"Please Be Good to Me" - **Menudo** (RCA)
$ 9	(3)	"Nada Mais" - **Gal Costa** (Polygram)
10	(7)	"Olhos Vermelhos" - **Guilherme Arantes** (CBS)
11	(15)	"Private Dancer" - **Tina Turner** (EMI-Odeon)
$ 12	(—)	"Rebelde sem Causa" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
13	(24)	"Raspberry Beret" - **Prince** (WEA)
$ 14	(—)	"Ciúme" - **Ultraje a Rigor** (WEA)
15	(12)	"Everybody Wants to Rule the World" - **Tears for Fears** (Polygram)
16	(10)	"Smooth Operator" - **Sade** (CBS)
17	(—)	"Companheiro" - **Dominó** (CBS)
18	(18)	"One More Night" - **Phil Collins** (WEA)
19	(13)	"Make no Mistake, He's Mine" - **Barbra Streisand/Kim Carnes** (CBS)
$ 20	(—)	"Hold Me" - **Menudo** (RCA)
21	(22)	"Tempo Rei" - **Gilberto Gil** (WEA)
22	(—)	"Insensível" - **Titãs** (WEA)
23	(—)	"I Want to Know What Love Is" - **Foreigner** (WEA)
24	(23)	"This Is Not America" - **David Bowie/Pat Metheny** (EMI-Odeon)
		* "Chega de Mágoa" - **SOS Nordeste**

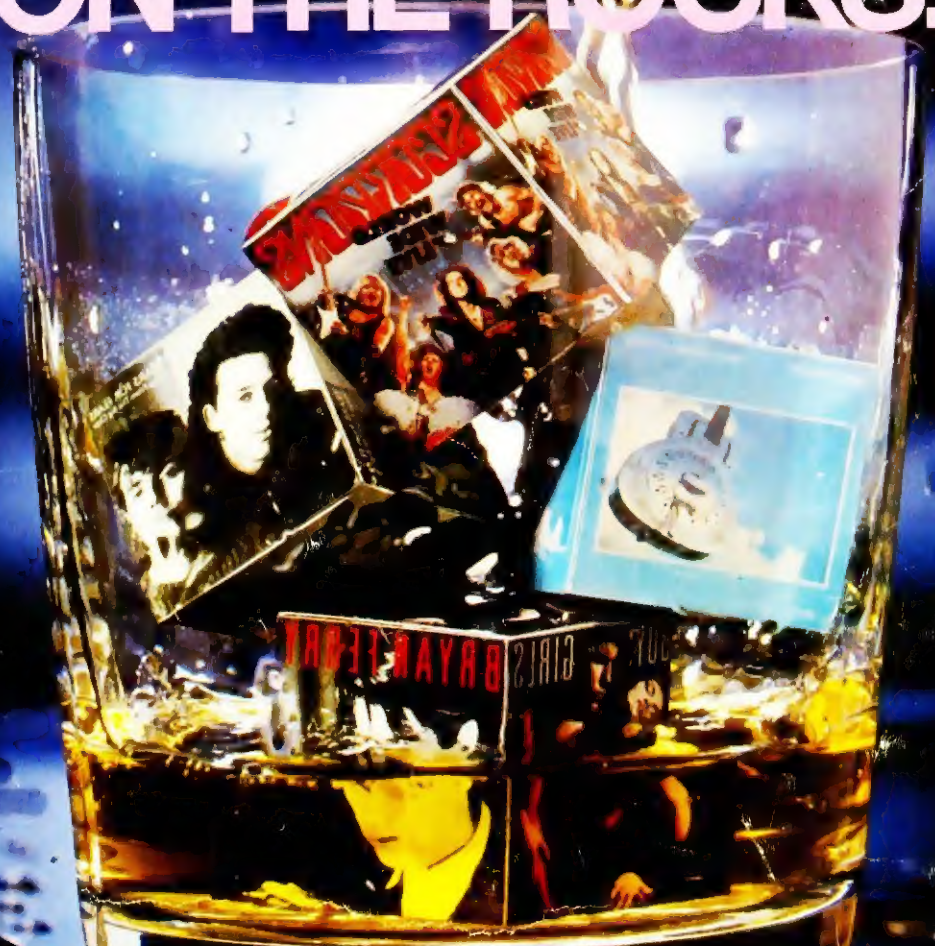
	AS 10 MAIS VENDIDAS	AS 10 MAIS TOCADAS
1	"Evolution" - **Menudo** (RCA)	"Chega de Mágoa" - **SOS Nordeste** (Sindicato dos Músicos do Rio de Janeiro)
2	"Nós Vamos Invadir Sua Praia" **Ultraje a Rigor** (WEA)	"Louras Geladas" - **RPM** (CBS)
3	"Amadeus" - **Trilha Sonora** (Polygram)	"I Was Born to Love You" - **Freddie Mercury** (CBS)
4	"USA for Africa" - **Vários** (CBS)	"We Are the World" - **USA for Africa** (CBS)
5	"Dominó" - **Dominó** (CBS)	"Fórmula do Amor" - **Léo Jaime/Kid Abelha** (CBS)
6	"Trem da Alegria" - **Clube da Criança** (RCA)	"Seu Nome" - **Biafra** (Barclay)
7	"Um Sonho a Mais - Inter" - **Vários** (Som Livre)	"Tudo Pode Mudar" - **Metrô** (CBS)
8	"Greatest Hits" - **Rod Stewart** (WEA)	"I Should Have Known Better" - **Jim Diamond** (CBS)
9	"Mr. Bad Guy" - **Freddie Mercury** (CBS)	"Olhos Vermelhos" - **Guilherme Arantes** (CBS)
10	"Born in the USA" - **Bruce Springsteen** (CBS)	"Raspberry Beret" - **Prince** (WEA)

* A vendagem de "Chega de Mágoa" é feita exclusivamente em agências da Caixa Econômica Federal. O último número de venda divulgado é aproximadamente 360 mil discos. Como a cifra é global e nossa amostragem é parcial, é impossível determinar sua posição exata na Parada BIZZ.

LEITOR! SUA PARTICIPAÇÃO É IMPORTANTE PARA A PARADA BIZZ!

Escreva para BIZZ, Caixa Postal 2372, dizendo quais foram os últimos discos que você comprou. Escreva também seu nome, endereço e telefone para que possamos voltar a consultá-lo.

ROCK
ON THE ROCKS.



SIRVA-SE.

DIRE STRAITS
BROTHERS IN ARMS
824 499.1
824 499.4

SCORPIONS
WORLD WIDE LIVE
(Álbum Duplo)
824 344.1
824 344.4

TEARS FOR FEARS
SONGS FROM
THE BIG CHAIR
824 300.1
824 300.4

BRYAN FERRY
BOYS AND GIRLS
825 659.1
825 659.4

PolyGram Discos

Todos os textos não assinados são de *José Augusto Lemos*

NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA — Ultraje a Rigor (WEA)

Já invadiram. A essa altura do campeonato, o primeiro longo do Ultraje é mais que um merecido best seller. Explica-se: amadurecendo seu repertório em uma peregrinação de shows e dois compactos, o grupo estréia como se estivesse lançando os seus "greatest hits".

Tem gente que vê certo parentesco entre as molecagens de Roger e uma tradição paulistana que vai de Adoniran Barbosa ao Premê e Língua de Trapo. Além disso, eles estão mais para um universalíssimo triângulo amoroso entre Chuck Berry mais Jararaca e Ratinho. Ou seja, você dança e racha o bico — e quando a piada estiver gasta, continua dançando. É só conferir a proibida "Marylou" — segundo Roger, uma canção "didática-infantil, que ensina de onde vêm o leite e os ovos".

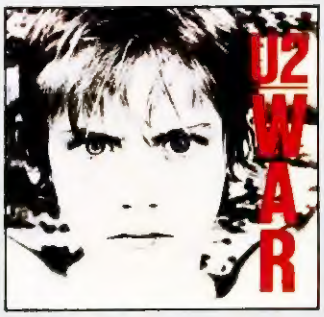
Só uma coisinha: de que música do Police foi chupada a introdução de "Ciúme"? Ou será uma homenagem aos adeptos tupi do "reggae branco"? Cartas para a Redação.

YOU'RE UNDER ARREST — Miles Davis (CBS)

Membro ativíssimo de três revoluções no jazz — a saber, o cool, o be-bop e a *fusion* roqueira —, Miles dá agora seqüência à sua empreitada funk. E se *The Man with the Horn* (81) e *Star People* (82) já garantiam alguns enfartes para puristas e tradicionalistas, este novo trabalho aproxima-se ainda mais do pop. Para começar, uma versão do hit de Cyndi Lauper, "Time After Time" — belíssima para tímpanos sem preconceito. Um estraçalho geral, dançante, mas sempre inventivo e com o superbaixo de Darryl Jones. O sr. Sting comparece com uma "voz de policial francês" na faixa-título.

FASCINATIN' RAMPAL — Jean Pierre Rampal (CBS)

Músico de sólida formação erudita, Rampal é também conhecido por seus passeios na música popular. Neste território consegue brilhar, como o fez na série de melodias japonesas para flauta e harpa, gravada por ele e Lily Laskine e incompreensivelmente não lançada aqui. O mesmo não se pode dizer da audição deste LP, onde ele interpreta transcrições de Michel Colombier para músicas de George Gershwin. Não que se questione seu domínio do instrumento. O que soa estranho é a transcrição para flauta de canções cuja concepção original acaba soando desvirtuada neste instrumento. J.E.M.



WAR — U2 (WEA)

Editado lá fora em 82, *War* é o terceiro e o mais militante LP desses bombásticos irlandeses. Uma surpresa para quem só conhece o U2 produzido por Brian Eno em *The Unforgettable Fire*: aqui, como nos outros discos produzidos por Steve Lillywhite, a potência da banda sobe à tona muito mais crua e básica. No mais, este é também o LP que carrega os dois principais *hinos* deles — "Sunday Bloody Sunday" e "New Year's Day". Só que essas gravações ficam meio apagadas depois de suas versões ao vivo registradas com inesquecíveis faíscas no vídeo e no LP *Under a Blood Red Sky* (que a WEA deve lançar aqui também). Talvez seja no palco que o U2 encontre mesmo sua razão de ser — quem viu o Live Aid, sabe do que eu estou falando. No mais, o sr. Eno transformou água em vinho francês.

BATALHÕES DE ESTRANHOS — Camisa de Vênus (RGE)

Já no segundo LP, este peculiar — para dizer o mínimo — grupo quase punk da Bahia continua perseguindo sua marca registrada. Em momentos como "Eu Não Matei Joana D'Arc" (um hit nas FMs!) eles conseguem e, de modo geral, todas as canções e letras trazem o potencial de uma paulada simultânea na testa e no baixo ventre. O problema continua o mesmo do primeiro disco: uma produção tímida, com guitarras mixadas baixo, sem fio ou corte. Alô, produtores, vamos liberar a distorção e a microfonia!

BACH — CONCERTO ITALIANO, CONCERTOS PARA PIANO, INVENÇÕES, VARIAÇÕES GOLDBERG — Glenn Gould (CBS)

Sua escolha dos andamentos era, em geral, desconcertante; suas gradações dinâmicas, não raro, agressivamente anticonvencionais; e ele tinha o hábito desagradável de cantarolar enquanto tocava. Mas poucos pianistas conseguiram, como Glenn Gould (1932/1984), unir a uma inteligência de execução, que torna claras as mais complexas tramas polifônicas, tão ilimitada capacidade de transfiguração poética. Bach foi o compositor a quem mais se dedicou esse artista, de um perfeccionismo que o levou a trocar a sala de concertos pelo estúdio de gravação. E de Bach são as obras nestes quatro discos. L.M.C.

RATTLESNAKES — Lloyd Cole & The Commotions (Polygram)

Um escocês obcecado pelos míticos United States da América do Norte, Lloyd Cole escreve versos como "arrume um novo alfaiate, comece a ler Norman Mailer". Seu vocal tem a mesma familiaridade com o de Lou Reed que, digamos, o vocal de Mark Knopfler com o de Dylan. E, no som, guitarras e violões tecem a tapeçaria junto a violinos e órgão — ou seja, mais referência ao psicodelismo americano pré-66. Aqui em São Paulo, a faixa-título já é, há um bom tempo, hit de certas pistas de dança. Lá fora, os hits foram "Perfect Skin" e "Forest Fire" (linda). Ao todo, uma trilha sonora perfeita para relaxar, meditar e/ou namorar no sofá.

BROTHERS IN ARMS — Dire Straits (Polygram)

Os adeptos de revoluções e revoluções por minuto podem não se sensibilizar com o requintado apego dos Straits às formas clássicas do rhythm'n'blues e do country. Mas, quem ficou com o queixo no colo assistindo a banda no Live Aid, pode se preparar. *Brothers in Arms* traz Mark Knopfler e Cia. no mesmo grau de inspiração de seu álbum de estréia (78) e de *Love over Gold* (81). Puxando o lote de pérolas variadas, *Money for Nothing* decola com um riff guitarreiro que ameaça plagiar "Jumping Jack Flash", mas sai pela tangente. Com uma forte participação de Sting no vocal, a música lembra uma atualização do clássico "So You Want to Be a Rock'n'Roll Star" dos Byrds, ao contar a história de um trabalhador durango que, assistindo clips e clips, resmunga com seus botões: "Eu devia ter aprendido a tocar guitarra, bateria/ é assim que se faz/ você toca guitarra na MTV/ ganha dinheiro fazendo nada/ e garotas de graça".

RISING FORCE — Yngwie Malmsteen (Polygram)

Alguns amigos vivem falando dele e alguns muros de colégios burgueses das grandes cidades têm sido pichados comparando Yngwie Malmsteen ao vovô Eric Clapton. Então, me interessei em saber por que tanta falação em torno desse sueco que já tocou no grupo Alcatrazz, de quem pouca coisa ouvi.

Yngwie é tido como o melhor guitarrista roqueiro do momento e nos surpreende por seus precisos, belos e eficientes solos em guitarras acústicas e elétricas.

Além disso, é o produtor, compositor, letrista, arranjador e otros cositas más. Posso estar enganado, mas, rarissimamente têm aparecido no atual estágio do heavy metal guitarristas criativos como Yngwie. *Leopoldo Rey*

A SENSE OF WONDER — Van Morrison (Polygram)

Ponto pacífico: Van Morrison é um gênio. É o autor do clássico "Gloria" — que já passou pelo repertório tanto de Patti Smith como dos Doors — e dois LPs que, mais cedo ou mais tarde, vão acabar entrando na nossa *Discoteca Básico*: *Astral Weeks* (68) e *Moondance* (70). Além disso, seu fascinante híbrido de country e folk irlandês com a música negra mais religiosa (gospels) e o blues é a fonte de inspiração de grupos como Dexy's Midnight Runners (lembra?) e uma das confessas alegrias da vida de Bono Vox. Neste LP, Morrison brilha — como cantor e letrista — de cabo a rabo, e há até faixas instrumentais como "Evening Meditation". Mas apaixonantes à primeira audição mesmo são a rasgada "Tore Down à la Rimbaud", "The Master's Eyes" e "Let the Slave" (sobre poema de William Blake). Um dos melhores discos do mês, e olha só a concorrência.

THE DREAM OF THE BLUE TURTLES — Sting (CBS)

As macacas do Sting podem estar encantadas com o bronzeado que o cantor anda exibindo. Mas é capaz que esse disco deixe os fãs do Police com os pêlos em pé. Quem leu a reportagem sobre sua aventura solo no n.º 1 de *BIZZ* conhece os detalhes: uma superbanda de jazzistas, Sting trocando o baixo pela guitarra etc. Só que, apesar de todas as expectativas, tem levado uns bons malhos da crítica internacional. A verdade é que sai a despojada elegância do Police, para entrar um som gordo, sem espaço para o silêncio. Alto nível instrumental, claro, mas uma atmosfera impessoal. Vale a pena pelo rearranjo total de "Shadows in the Rain". No mais, o fominha Sting também participa de mais discos lançados este mês: o de Miles Davis e o do Dire Straits.

RÁPIDO & RASTEIRO * RÁPIDO & RASTEIRO * RÁPIDO & RASTEIRO

Em **ROSAS E TIGRES** (Som Livre), a **Gang 90** continua a mesma de Júlio Barroso: boas idéias perdidas numa execução "de estúdio" e vocal capenga ● **A NAVE VAI** (EMI-Odeon), do **14 Bis**, vai mesmo à deriva, na tradicional fusão de soft-sertanejo mineiro com progressivo paulista que tanto agrada os fãs da banda ● Já a trilha sonora de **THE BREAKFAST CLUB** (CBS) traz a maravilha "Don't You (Forget About Me)" dos **Simple Minds** é só ● **DROP EVERYTHING** (WEA) é a estréia mundial do grupo **Lady Pank**, ou seja, rock polonês para boi dormir ● **TWO HEARTS** (CBS), terceiro LP dos australianos **Men at Work**, mostra que, apesar da produção de Bob Clearmountain, eles continuam o mesmo wave teor lightíssimo para órfãos do Police ● **MASK** (Polygram) é o terceiro LF de **Vangelis** lançado aqui só neste ano; com a participação do coral da English Symphony e tudo, para mim ainda é o mesmo dos tempos do Aphrodite's Child: agradável música para fundo de conversa. Resumindo: Vangelis é bom mesmo no cinema ● **ME & PAUL** (CBS) de **Willie Nelson** é uma viagem... sem escalas até a terra de Marlboro. Apenas para fanáticos do sertanejo ianque ● As cinco estrelas vão mesmo para as séries **MASTERWORKS** e **GREAT PERFORMANCES** (CBS), das quais são extraídos os discos com obras de Varèse e Bach comentados nas páginas anteriores. Ao todo, um rico painel da música erudita, dos clássicos aos contemporâneos ● Enquanto isso, a tradicional série **JAZZ COLLECTOR** (CBS) continua soltando preciosidades. Desta vez, **BLUESIN' AROUND** do sutilíssimo guitarrista **Kenny Burrell**, e **ALMOST FORGOTTEN**, uma bela coletânea dedicada a grandes instrumentistas, onde se destacam as bandas de **Slide Hampton** e **Coleman Hawkins.**

NORMAL — Lulu Santos (WEA)

"Não adianta querer mudar, já está tudo no lugar", diz Lulu na letra de "Replay". Pode ser que, com público certo para seu novo disco, ele considere que não resta espaço para inovação. Pode ser que Lulu tenha feito uma escolha deliberada, a da linearidade. Mesmo bem produzido e executado, o LP não tem surpresas e deixa a impressão final de que Lulu pode estar atacado de um certo desencanto. Como afirma seu parceiro Nelson Motta em "De Repente": "De repente o que era novo envelheceu de novo, de repente não há mais saco pra tanto papo que já se ouviu". *J.E.M.*

LANÇAMENTOS

BYE BYE BRASIL (1980)

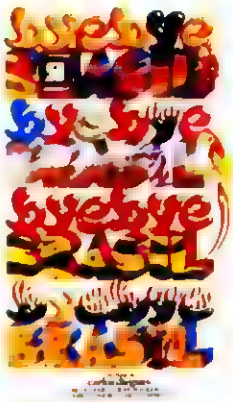


Foto Divulgação Globovideo

Direção: Carlos Diegues. Com Betty Faria, Jose Wilker, Fábio Junior e Zaira Zambelli. Lançamento GloboVideo

Aproveitando o prestigio dos artistas globais, Caca Diegues descreve as aventuras e desventuras da Caravana Rolidei, uma trupe circense, pelo Norte e Nordeste

ENSAIO DE ORQUESTRA (*Prova d'Orchestra*, 1979)

Foto Divulgação Globovideo

Direção: Federico Fellini. Com Baldwin Boas. Lançamento GloboVideo. Legendado

O menos felliniano e o mais polêmico filme de Fellini. Aqui ele abandona seu habitual universo de sonho para discutir o poder e o pretexto é uma orquestra que rompe com seu maestro mas tem dificuldades com a liberdade

FICÇÃO

FUGA DE NOVA YORK (Escape from New York, 1982)

Direção: John Carpenter. Com Kurt Russel, Lee van Cleef, Ernest Borgnine. Legendado

Nova York, 1997. Manhattan está transformada numa imensa prisão, separada do mundo por altos muros e estreitíssima vigilância. Nela, o diretor Carpenter (de *Halloween* e *Fog*, *A Bruma Assassina*) coloca tipos como os que a gente encontraria nas barras mais carregadas da Nova York de hoje. Vivendo nos antigos subterrâneos do metrô, eles acabam dominando a cidade

ALIEN, O 8.º PASSAGEIRO (*Alien*, 1979)

Foto Estudio Abril

Direção: Ridley Scott. Com Tom Skerritt, Sigourney Weaver e Ian Holm. Original e legendado

O genial Scott (Blade Runner) conta aqui a história de uma pacata espaçonave cargueira que topa com um extraterrestre dos mais desagradaveis. O artista suiço H.R. Giger concebeu os cenarios, de uma beleza barroca e sinistra, responsáveis pelo clima denso e propicio a muitos sustos.. A sensualidade é por conta da deliciosa Ripley (Sigourney Weaver)

AVENTURA

RAMBO, PROGRAMADO PARA MATAR (*First Blood*, 1982)

Foto Estudio Abril

Direção: Ted Kotcheff. Com Sylvester Stallone e Richard Crenna. Original e legendado

Um tema atual: o soldado retorna do Vietnã, desajustado e violento. E esse é dos bons — enfrenta, sucessivamente, um xerife, a polícia, a Guarda Nacional e o Exército como uma máquina (papel ideal para Stallone.) de matar

OS CAÇADORES DA ARCA PERDIDA (Raiders of the Lost Ark, 1981)

Foto Lucasfilm

Direção: Steven Spielberg. Com Harrison Ford, Karen Allen, Paul Freeman. Legendado

Com um pique imbatível de aventura desde a primeira cena, Caçadores coloca Harrison como cientista norte-americano trabalhando para o governo, em busca da Arca com as tábuas dos Dez Mandamentos — cobiçada pelos inimigos nazistas. A cena da abertura da Arca, no final, é um visual imperdível.

A FORCA SERÁ TUA RECOMPENSA (*Ned Kelly*, 1970)

Foto Abril

Direção: Tony Richardson. Com Mick Jagger, Allen Bickford e Geoff Gilmour. Dublado

Infelizmente, o ridículo título em português conta o final da história. Vale, de qualquer forma, pela estréia cinematográfica de Jagger, no papel principal: um salteador australiano do século dezenove. Barba postiça e tudo, o Stone não se sai mal

COMÉDIA

CLIENTE MORTO NÃO PAGA (Dead Men Don't Wear Plaid, 1981)

Direção: Carl Reiner. Com Steve Martin e Juliet Forrest. Original e legendado

Hilário. Reiner usa um truque eficiente: faz o ator Martin "contracenar" com trechos de filmes policiais de Humphrey Bogart e Ingrid Bergman, entre outros. Com excelente texto, em uma sequência de clichês do gênero

MUSICAL

THE SECRET POLICEMAN'S OTHER BALL (1982)

Foto Estudio Abril

Direção: Julien Temple e Roger Graef. Com Sting, Eric Clapton, Pete Townshend, Jeff Beck, Phil Collins, Donovan e outros músicos, mais a turma do Monty Python. Original

Mesmo em inglês vale a pena. O *Secret Policeman's* foi um show organizado em prol da Anistia Internacional. Para quem não entender os engraçadíssimos sketches de [illegible] Python, momentos memoráveis, como os de [illegible] Townshend acompanhado [illegible] nas de seu violão e Sting e guitarra mandando ver "Roxanne".

THE MEN WHO MAKE THE MUSIC (1979)

Foto LFI

Direção: Chuck Statler e Gerard Casale. Mistura de clips e ficção com o grupo norte-americano Devo. Em ingles

O Devo não é apenas uma banda de rock. Dos uniformes histriônicos às perucas de plástico, dos tiques nervosos às poses robóticas, o Devo é um conceito. Este vídeo é uma das extensões desse conceito e conta — num misto de fato e ficção — o caso de amor-ódio do Devo com a indústria fonográfica e tudo que vem a reboque dela (pseudogênios, megalômanos e puxa-sacos). Um magnata de uma gravadora fictícia (sic) tenta manipular o Devo para "vendê-los melhor, ganhar milhões de dólares". Inventa mil artimanhas, entre elas bonequinhos para crianças com os integrantes da banda (a mesma coisa que Michael Jackson e Menudo acabariam fazendo). So que à vera!

DRAMA

SEM DESTINO (Easy Rider, 1969)

Direção: Dennis Hopper. Com Peter Fonda, Dennis Hopper, Jack Nicholson. Copias original e dublado

"Um homem procura a América. E não a encontra em lugar nenhum." Fo, este o slogan de lançamento do filme, um superclássico de época. Na verdade, Fonda e Hopper encontram a América. Não a que sonhavam — psicodélica, bela e alucinada — mas a real — agressiva, pouco disposta a tolerar os marginais do sistema. Belas imagens ao som de Jimi Hendrix e Steppenwolf

VIDAS AMARGAS (East of Eden, 1955)

Foto Abril

Direção: Elia Kazan. Com James Dean, Raymond Massey, Jane Harris. Copias original e dublado

No dia 30 de setembro fara trinta anos que Dean, idolo da juventude transviada e dos rebeldes sem causa, morreu num acidente de automovel. Em *Vidas Amargas* ele vive seu primeiro grande papel: como Cal, o Caim bíblico do romance homônimo de John Steinbeck.

Levantamento feito a partir das distribuidoras GloboVideo, CIC e dos Videoclubes Audio, Video Clube do Brasil e Omni. Video/SP

Chegou sua chance de botar a "BOCA NO MUNDO"

Atenção
prorrogado para o dia 15 de outubro à entrega de sua fita gravada

E o seu som também.

Realmente chegou a hora de por prá fora o seu tremendo som. Se você confia em seu pique ou no pique do seu grupo de rock, o concurso JOVENS TALENTOS-85, promovido pela Gravações Elétricas S.A. - Discos Continental/Chantecler, vai por sua voz e seu som para todo mundo ouvir. É simples: envie para a Caixa Postal nº 3.199 São Paulo - SP, até o dia 15 de setembro de 1985, uma fita K7, com no máximo seis músicas gravadas, inéditas ou não, juntamente com as letras datilografadas e o nome de seus autores. Anexe uma fotografia e um breve "curriculum" com seu nome e endereço, mencionando também, o nome artístico.

Pronto! Você já está a caminho de "Botar a Boca no Mundo". A gravadora selecionará dois trabalhos entre os inscritos que preencherem os requisitos acima. O primeiro colocado, além de um contrato, ganhará a gravação em nossos estúdios de um COMPACTO DUPLO, com promoção e distribuição para todo o Brasil.
O segundo colocado ganhará um contrato e a gravação de um COMPACTO SIMPLES, também com promoção e distribuição para todo o Brasil. Viu como é fácil? Portanto, não perca tempo! Reúna a turma e aproveite a chance de "Botar a Boca no Mundo". Nós garantimos que você será ouvido.

Continental GEL Chantecler GEL

WOM

O hiperdançável General Public; à frente os ex-Beat David Steele e Rankin' Roger

UM FESTIVAL INTERCONTINENTAL

A sigla significa World of Music, Arts and Dance que quer dizer "Mundo da Música, Artes e Dança". Desde 82 esse festival é realizado na Inglaterra e, este ano, Ormond Alves estava lá para contar a história.

Idealizado e, em parte, financiado por Peter Gabriel, o WOMAD já conseguiu registro como fundação e consegue realizar seu objetivo: mostrar a música e a dança de países não-europeus para o público inglês, sempre sedento de novidades e intercâmbio cultural.

Este ano, o encontro foi marcado para os dias 19, 20 e 21 de julho em Mersea Island, uma ilha perto da cidade de Colchester. A abertura trazia desde música tradicional da China e da Mongólia com a dupla **Guo Ui** e **Guo Yue,** até o pop do **Somo Somo,** grupo do Zaire especializado em soukous, um excitante ritmo africano influenciado pela rumba. Os mais esperados pela garotada eram, porém, o **Fall** — desvairados militantes pós-punk de Manchester — e o cantor **Peter Hammill,** aquele que na década de 70 liderou o **Van der Graaf Generator.**

Hammill, que atualmente trabalha numa ópera baseada em *A Queda da Casa de Usher* de Edgar Allan Poe, não decepcionou. O clima criado espanta ainda mais pelo despojamento instrumental: cantando seus poemas visionários ao piano ou ao violão, era acompanhado apenas por um inventivo percussionista armado de tambores eletrônicos e objetos como baldes plásticos.

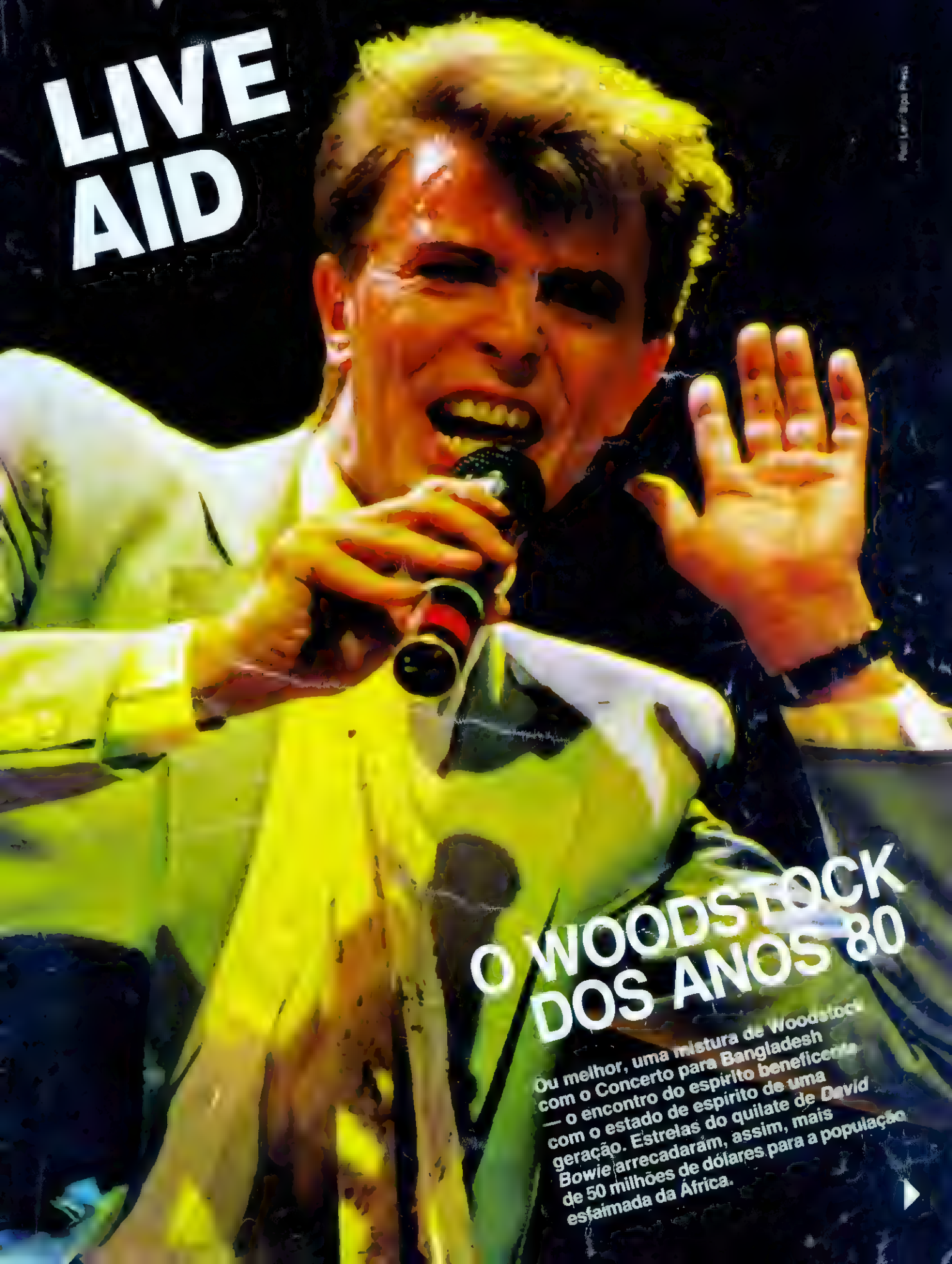
O sábado começou quente, logo às onze da manhã, com **Thomas Mapfumo & The Blacks Unlimited,** do Zimbábue. Preso várias vezes durante a guerra de libertação de seu país, o sacolejante Thomas teve seu prestígio internacional erguido até as alturas, com Bob Marley de padrinho. Mas, outra vez, o pessoal se acotovelou mesmo para ver um grupo inglês. E a noite de sábado foi do meditativo e tecnodançante **New Order,** que botou a moçada de pé até as três da madrugada!

Para mim, pessoalmente, o melhor dia foi mesmo o domingo, começando com o experimentalismo da **Penguin Café Orchestra.** Um prato de arroz integral depois e estava em cena a **Orchestra Jazira,** uma banda mista de africanos e ingleses — um batucão irresistível, decorado pelos sublimes sopros de Chris Batchelor (trompete) e Dave Bitelli (sax). Na seqüência, a **London School of Samba,** uma escola formada por brasileiros, portugueses e argentinos, além dos eventuais ingleses. Não faria muito sucesso na Marquês de Sapucaí, mas em Mersea Island mexeu com as canelas e quadris.

A noite já caía quando entrou o **General Public,** a nova banda formada por ex-integrantes do Beat. Uma pegajosa fusão de ska e reggae com rock, que preparou o clima para a grande viagem musical do fim de semana. O quarteto em questão não tem nem um ano de vida, mas o currículo de seus integrantes é mais que respeitável. São eles: o violinista **L. Shankar** (que já esteve no Brasil com John MacLaughlin), nosso **Naná Vasconcelos** na percussão, o supersax de **Jan Garbarek** e o percussionista indiano **Gurtu.** Depois do incendiário show, Naná me disse inclusive que pretendem tocar em breve no Brasil.

Para encerrar, um banho de reggae com **Toots Hibbert** e seus **Maytals,** verdadeiras lendas vivas da música jamaicana. Resumindo: outro carnaval até as três da matina. Até fora da cerca armada, a moçada se sacudia, enrolada em cobertores, à volta de uma fogueira improvisada.

LIVE AID



O WOODSTOCK DOS ANOS 80

Ou melhor, uma mistura de Woodstock com o Concerto para Bangladesh — o encontro do espírito beneficente com o estado de espírito de uma geração. Estrelas do quilate de David Bowie arrecadaram, assim, mais de 50 milhões de dólares para a população esfaimada da África.

BOB GELDOF:

Foto Frank Griffin, LFI

Os dois shows — um em Londres, no estádio de Wembley; o outro no estádio de Filadélfia (EUA) — foram vistos por um público estimado em 1,6 bilhão. Na foto, o encontro nos bastidores de *Paul McCartney* com o idealizador de tudo, *Bob Geldof*.

Foto Funk/ Sipa Press

No setor metalúrgico do Live Aid, na Filadélfia, a contribuição do *Judas Priest* — na foto, Rob Halford e K.K. Downing.

Foto Ferry Liaison/ Gamma

Joan Baez saudou as 100 mil "crianças dos anos 80" que lotaram o estádio JFK, na Filadélfia, comparando o evento a Woodstock. Ninguém reclamou.

Foto Funk/ SIPA PRESS

Pela primeira vez depois de cinco anos, o *Led Zeppelin* se reuniu. Na bateria, Phil Collins substituía John Bonham.

Foto Funk/ SIPA PRESS

Foto Funk/ Sipa Press

O Live Aid foi pretexto para encontros únicos — como o de *Mick* e *Tina* — e para reuniões-relâmpago — como a de *Ozzy Osbourne* e o *Black Sabbath*.

Foto Benson Liaison/ Gamma

A última atração da parte americana dos shows foi um encontro de todas as estrelas da maratona musical para uma versão meio desengonçada de "We Are the World", puxada por *Lionel Richie*.

"ESTE É O DIA MAIS FELIZ DE MINHA VIDA"

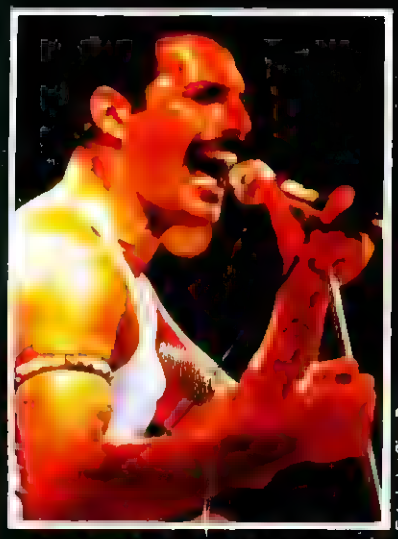


Foto Lehr/ Sipa Press

Dois falsos policiais ingleses anunciaram com pompa e reverência a entrada no palco de "Sua Majestade!". Mas quem arrebatou a platéia de Wembley com hits como "Bohemian Rhapsody" não foi a mãe do príncipe Charles, mas "outra" rainha — o *Queen* de Freddie Mercury, que mais uma vez provou sua popularidade regendo 144 mil braços que imitavam o vídeo de "Radio Ga Ga".

Foto De Keerle/ Gamma

Sob um sol escorchante demais para os ingleses, o estádio de Wembley recebeu 72 mil pagantes de todas as partes do mundo — até bandeira brasileira viu-se lá. Mesmo quem estava longe conseguia acompanhar a ação do palco através de enormes telões. E os que sofriam com o calor recebiam duchas de mangueira.

Foto Frank Griffin, LFI

Depois de ter feito zilhões de concertos "de despedida", o *Who*, mais uma vez, se reuniu para atualizar clássicos como "My Generation".

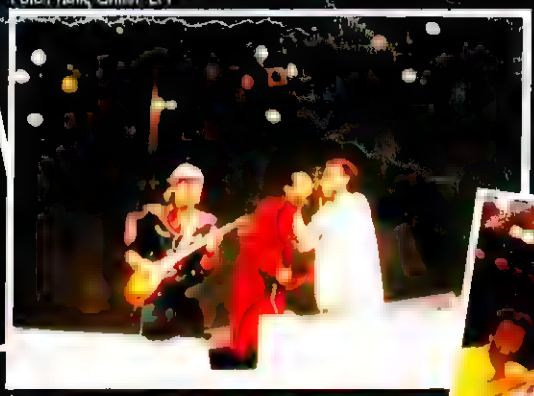
Foto Lehr/ Sipa Press

Bandeiras brancas com o nome do grupo e outras da Irlanda tremularam na recepção ao U2 de *Bono Vox*, aqui com *Paul McCartney*.

Foto Lehr/ Sipa Press

Phil Collins e *Sting* foram os "fominhas" do Live Aid. O primeiro tocou e/ou cantou com Eric Clapton e Led Zeppelin. Sting fez o mesmo com Dire Straits. E os dois também se apresentaram juntos — acolitados pelo saxofonista e clarinetista Branford Marsalis — duetando em músicas como "Every Breath You Take".

Foto Frank Griffin, LFI

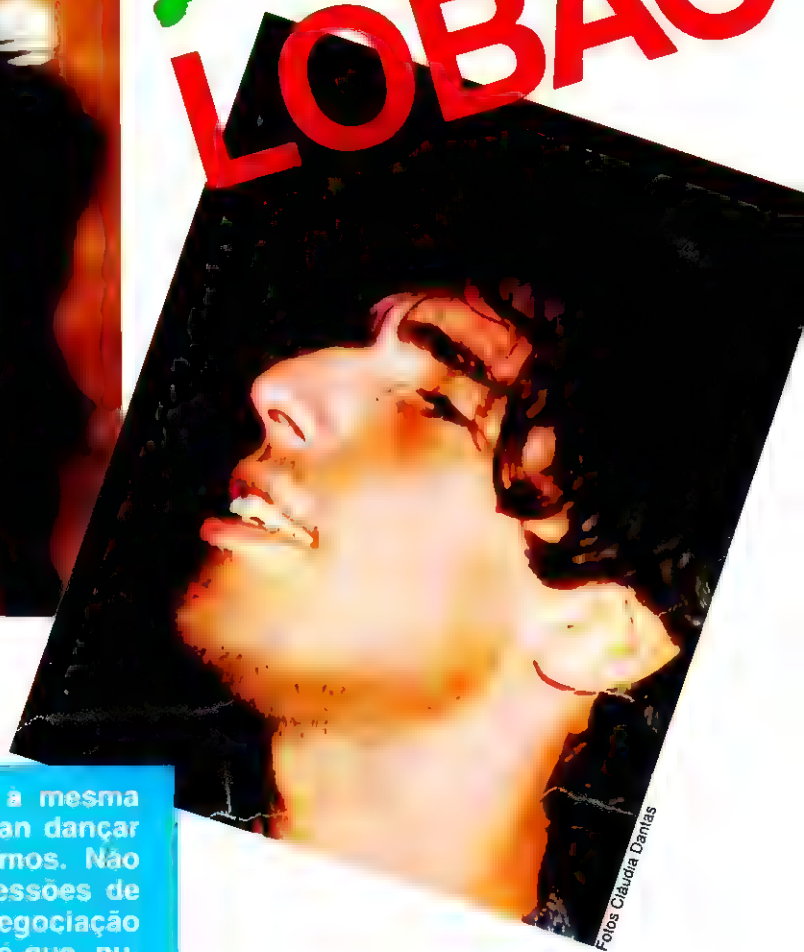


O *Dire Straits* de Mark Knopfler estava no topo de sua forma em Wembley. E teve uma ajudinha de Sting (de branco), que emprestou suas cordas vocais para uma versão arrasa-quarteirão de "Money for Nothing".

Foto Lehr/ Sipa Press

Liderado por *Bob Geldof* e *David Bowie*, o coro formado por todo o elenco da parte inglesa do Live Aid encerrou sua participação com "Do They Know It's Christmas".

CAZUZA X LOBÃO



Fotos Cláudia Dantas

Reunir dois rockstars num mesmo lugar, a mesma hora, é quase tão difícil quanto fazer Reagan dançar valsa com Gorbachev. Mas nós conseguimos. Não foi fácil. Turnês, gravações e dedicadas sessões de sono resultaram em dois meses de dura negociação para por Lobão e Cazuza frente a frente. Até que, numa noite carioca regada a uísque e gargalhadas, os dois sentaram-se na sala de Cazuza e conversaram sobre rock, sobre Madonna, sobre rock, sobre Menudo. E sobre rock, também.

O que é o rock?

Lobão: O rock é uma atitude... mas a caretice também é uma atitude; ou melhor, é uma síndrome.

Cazuza: É a idéia da eterna juventude.

L: Ah, isso é ridículo!

C: Não!!

L: Eu não acredito nisso.

C: Mas o rock'n'roll nasceu de uma coisa adolescente, de rua...

L: Mas aí você vai crescendo, cara! Tem que tomar juízo na cara até assumir uma outra idade.

C: Não! É ficar velho e brincando de trenzinho.

L: Não, você transforma a brincadeira do trenzinho numa brincadeira adequada.

C: Mas como começou esse papo?

L: O papo começou com a síndrome do rock'n'roll como atitude, a caretice como uma atitude e a síndrome da caretice no rock'n'roll. E a outra atitude, que seria o conceito de assumir a caretice como conceito dentro do rock'n'roll, que já é uma outra síndrome. É uma metasíndrome.

C (batendo palmas e gargalhando): Lobão não nega suas origens germânicas. Ele é um filósofo, ha, ha, ha. Wolfgang Lobão!

L: Que é isso? Minhas ossadas estão impunes.

C: Quando eu descobri o rock eu descobri que podia desbundar. O rock foi a maneira de eu me impor

às pessoas sem ser o *gauche* - porque, de repente, virou moda ser louco. Eu estudava num colégio de padre onde, de repente, eu era a escória. Então, quando descobri o rock, descobri a minha tribo; ali eu ia ser aceito! E rock pra mim não é só música, é atitude mesmo, é o novo! Quer coisa mais nova que o rock? O rock fervilha, é uma coisa que nunca pode parar.

L: Posso falar?

C: O rock não é uma lagoa, é um rio.

L: É isso aí: pedras rolando para não criar limo. O rock é uma questão de velocidade de informação artística, é um fenômeno de final de milênio.

C: O rock é a vingança dos escravos!

L: Não, porque o rock também é o antídoto da vingança.

C: É, porque não é para ser ouvido, é para ser dançado, é uma coisa tribal.

L: Rock seria síntese.

C: Rock é simplesmente uma batucada.

L: Não é, não. Batucada tem muitas. O rock é mais que isso.

O rock brasileiro é piada

C: O rock brasileiro é fazer gracinhas, é contar piada.

L: Com o dedinho pra cima.

C: Mas o samba também é.

L: Mas o samba é mais pesado. É um dedinho pra cima que tem um peso que não tem essa atitude aí. No samba acho até conveniente o dedinho pra cima, pelo ritmo, pela etnia.

C: Porque eles cantam a fome às gargalhadas.

L: Eles resgatam o lixo. E os outros não: se transformam em lixo sem resgatar.

C: O que é pior, imperdoável.

L: Seria perdoável pelo nosso conceito de não ser fascista, ha, ha, ha. Na verdade, nós *somos* fascistas. Somos fascistas mas somos brilhantes.

C: Ha, ha, ha, ha, ha. (mais sério) Vamos ver o panorama que a gente está vivendo: rock no Brasil, que dá certo, é o rock que a Blitz inventou, que é genial (pausa). Mas está mudando.

L: Não é mais e o Ultraje prova isso. O texto do Ultraje é mais forte, é mais incisivo. E a Blitz, quando começou, tinha um texto fortíssimo, uma atitude muito forte — tinha até palavrões. E os textos eram tão fortes que acabaram sendo cortados. E foi justamente nessa hora que eu saí da Blitz, quando estava virando Carequinha. Eu até profetizei pro Barreto: "Um dia vocês vão acabar descendo de helicóptero no Maracanã na festa do Papai Noel". E eles acabaram descendo! A diferença entre o Ultraje e a Blitz é que o humor da Blitz é de beira de praia e o do Ultraje é urbano.

C: Eu acho que a Blitz é teatro infantil, super bem feito, impecável.

C: Eu concordo com uma coisa que o Pepe Escobar disse no TV Mulher. Ele disse que hoje o rock brasileiro está no mesmo estágio que os Beatles e os Rolling Stones estavam 20 anos atrás. Eu achei legal.

L: Meu nível de informação não permite que eu me enquadre nesse tipo de coisa.

C: Nem o meu!

L: Porque ele fica preocupado com os grupos de *Manchester!* Ele parece pingente do trem-bala!

C: Não vamos falar mal de ninguém!

L: Eu não sou a favor da precariedade, como eram (precários) a Tropicália e o Cinema Novo. Eu sou a favor da qualidade e sou a favor da internacionalização. Acho que estamos vivendo um período de entressafra. É claro que a gente vai ter que dar cabeçada — o movimento começou a ser deflorado agora. Vai pintar muita coisa legal e muita besteira. Então, a gente não pode ser muito implacável com a banalidade.

C: O que a gente tem de forte no rock brasileiro é o "agá" que a gente leva.

A nossa intelligentzia

L: Ouvi um (intelectual) me dizer: "Como posso dar valor (a essa geração de artistas novos) quando ouço um Milton, um Caetano?"

C: O Caetano acha que nossa geração não tá com nada, que a dele é que foi boa. (Mas) o Lobão também é muito radical. Ele e Marina têm uma coisa genial de "vamos cortar as cabeças. Para uma geração prevalecer tem que cortar a cabeça da outra".

L (exaltado): O Caetano é quem começou!

C: O Caetano rebolava e fazia tudo para chocar João Gilberto, que era o ídolo dele. E aí, então, a gente tem que chocar os ídolos da gente.

L: Mas isso é natural!

C: Mas eu sei disso, então não preciso... você de repente fica falando mal do Chico... pra quê?

L: Porque eu gosto dele. Eu vou falar mal de quem não gosto?

Madonna e Menudo

C: Madonna é uma Marilyn Monroe, não é rock.

L: Mas Marilyn é rock.

C: É, Brigitte Bardot também.

L: A Madonna é o rock com outra dialética. Menudo é rock?

C: Não, Madonna é um Menudo!

L: É uma síndrome. Não é uma questão de ser ou não rock; aí, é fascismo da gente. Ela não deixa de ser rock, porque ela tem os ingredientes.

C: Ela é Broadway.

L: Mas tem muita coisa na Broadway que é rock.

C: Não existe coisa rock'n'roll na Broadway, pelo amor de Deus!

L: O Prince, pra mim, é Broadway. Estou falando que a Madonna utiliza a linguagem do rock'n'roll em prol de outra dialética. Ela tem um elemento de *estética* rock e não de *atitude* rock.

A Máfia controla tudo

L: E a Máfia é rock'n'roll?

C: A Máfia não pode nunca ser rock'n'roll!

L: Ah, não? Então deixa eu te contar uma coisa. Quando eu tocava com o Patrick Moraz, na época do Vímana, ele me contou que o primeiro grande negócio do mundo é a indústria de armas atômicas. O segundo é o show-business. E drogas. E quem comanda essas três coisas? A Máfia, no mundo inteiro. Então, um grupo musical do circuito Europa/EUA, quando atinge um certo *status*, vai ter que lidar com a Máfia, que controla tudo — a Máfia está infiltrada nas gravadoras, no empresariado em geral, de locação de estádios e tudo mais. A Máfia é a empresa mais bem-sucedida do mundo.

Heavy Metal

Fotos Paul Cox/LFI

Graham Oliver e Steve Dawson (Saxon)

★ A banda inglesa **Saxon** troca o selo Carrére pela EMI após cinco anos de contrato e sete LPs (todos lançados aqui pela RGE). No dia 2 de setembro vai ser lançado *Innocence Is No Excuse*, disco gravado em Munique, Alemanha, e que marca sua estréia na casa nova. Um compacto foi tirado do disco e lançado em julho último. É "Back On The Streets".

Biff Byford, Paul Quinn, Steve Dawson, Graham Oliver e **Nigel Glocker** estão com a corda toda para a tour da Grã-Bretanha. Depois de passar por Escócia e Gales, a banda encerra a excursão no fim do mês no Hammersmith Odeon de Londres.

★ Desde março último, o batera **Carmine Appice** está de volta às atividades liderando o novo grupo **King Kobra**. Como se sabe, Carmine tocou com o legendário **Vanilla Fudge** (nos anos 60), com **Cactus** (anos 70), com **Jeff Beck**, com o **DNA**, de Rick Deringer, e ainda com **Rod Stewart** e **Ozzy Osbourne** no ano passado. Os outros músicos do King Kobra são o vocalista **Mark Free**, o baixista **Johnny Rod** e os guitarristas **Mick Sweda** e **David Michael Phillips**. Esses quatro se vestem num estilo à la **Motley Crüe**: muito negro e cabelos descoloridos. Assinaram contrato com a Capitol e lançaram o LP de estréia, *Ready To Strike*. Em abril fizeram suas primeiras apresentações ao vivo. No Brasil este lançamento estava previsto para agora (agosto), junto a outras bandas novas, pela série *Heavy Metal Attack II*. O selo é Odeon.

★ E sintam essa — o gordíssimo guitarrista **Leslie West** e o batera **Corky Laing** resolveram reativar o **Mountain**, trio de sucesso relativo. Para o lugar de **Felix Pappalardi** — assassinado pela esposa há uns dois anos — chamaram o baixista **Mark Clarke** e gravaram o LP *Go For Your Life*, que poderá ser adquirido nas melhores importadoras por aqueles que se atreverem a dispor de mais de 100 paus.

★ Após 5 anos de existência, a **Hanoi Rocks**, pauleira de origem finlandesa inspirada no Vietnã, encerrou atividades definitivamente em junho primeiro por causa da morte do batera **Nick Razzle**.

Sem inspirações para reformular tudo, o vocalista e líder **Mike Monroe** e o guitarrista **Andy McCoy** já partiram para trabalhos próprios e falam até num trabalho juntos.

Os 7 LPs do Hanoi Rocks são inéditos por aqui e pelo jeito continuarão. O Motley Crüe por sua vez não se abalou e vai em frente com o lançamento do terceiro LP. *Theater Of Pain*.

★ **Rudy Sarzo**, baixista que deixou o **Quiet Riot** antes da banda vir para cá, está formando um grupo com **Tommy Aldridge**, que deixou **Ozzy Osbourne** logo após o Rock in Rio. Tudo com total apoio da empresária Sharon, mulher de Ozzy. E Ozzy parte para a reestruturação, com seu soberbo guitarrista **Jake E. Lee** (**Don Airey** e **Bob Daisley** também se foram), no lançamento de *The Ultimate Sun*.

Phil Lynott nos tempos do Thin Lizzy

★ O baixista **Phyl Lynott** (ex-**Thin Lizzy**, atual **Grand Slam**) e o falado guitarrista irlandês **Gary Moore** (ex-**Colosseum** e **Thin Lizzy**) estão com o compacto *Out Of Fields* nas paradas inglesas. Fala-se por isso num trabalho mais pra frente. De setembro a outubro, Gary (seus discos são inéditos aqui) excursionará pela Inglaterra apresentando novo disco-solo. Sua banda atual é formada por **Glenn Hughes** (aquele ex-**Deep Purple**) no baixo e vocal, **Neil Carter** nos teclados e guitarra e **Gary Ferguson** na bateria.

★ E agora notícias da pauleira alemã. Pelo selo Harvest e com produção de **Dieter Dierks**, o **Scorpions** acaba de lançar mais um álbum duplo ao vivo contendo seus sucessos mais recentes. O duplão chama-se *World Wide Live*. Aqui, por enquanto, você fica com o lançamento atrasado de *In Trance* (76).

Michael Schenker andou gravando material com o vocalista **Fran Cosmo**, ex-**Orion The Hunter**.

Fala-se mesmo, porém, é num disco instrumental apenas. O **Accept** tem mais um de seus discos lançados aqui pela CBS. É o atual *Metal Heart*.

★ Aqui está uma lista dos últimos produtos metálicos nacionais lançados no mercado e que aos poucos iremos comentando: 1) a coletânea *SP Metal II* (Baratos Afins) com **Santuário, Korzyus, Abutre** e **Performance's**. 2) Na mesma base a RGE lançou *Metal Rock* contendo **Made In Brazil** (com Cornélius Lúcifer no vocal), **Di Castro (Sangue da Cidade)** e os novos **Eclipse, Attack** e **Máscara de Ferro**. 3) O **Harppia** conseguiu de cara fazer um LP com uma belíssima capa, *A Ferro e Fogo* (B. Afins). 4) *Patrulha 85* é o título do 5.º LP da **Patrulha do Espaço**, trio que agora conta com o argentino **Pappo Blues** na guitarra (também da Baratos). 5) Do Rio pinta o segundo LP do **Stress** (do Pará), agora com sabor mais carioca e lançado pela Polygram. Aguardamos o disco para podermos avaliar o material. E termino perguntando: — "Cadê o disco do **Água Brava**, hein?" *Leopoldo Rey*

Ilustração Cleber Veiga Garcia/ Foto Estúdio Abril

BOY GEORGE

Foto Claudio Elizabetsqy

Com três LPs lançados, o grupo Culture Club conseguiu contabilizar em três anos milhões de cópias vendidas mundialmente e o fato de ter sido o primeiro, após os Beatles, a ter dez compactos de um só LP na parada de sucessos americana.

O Culture Club é antes de mais nada a polêmica figura de Boy George, nascido George Alan O'Dowd, em Londres, há 23 anos. Boy George é o último, e certamente o mais bem-sucedido, dos Novos Românticos surgidos na cena londrina pós-punk. Já foi definido por um crítico do jornal "Melody Maker" inglês como uma "cria vira-lata improvável de uma Mamãe Ganso geisha e um confeiteiro Rastafarian".

Boy George veste-se como o vemos hoje desde a mais tenra adolescência. E não pensava em entrar na cena pop até ter sido convidado por Malcolm MacLaren, ex-empresário do Sex Pistols, para se juntar ao grupo Bow Wow Wow. Não deu certo. Depois desta tentativa ele se encontrou com o baixista Michael Craig. Os dois arrebanharam o baterista Jon Moss e o guitarrista Roy Hay, e formaram o Culture Club em 1981. Os dois primeiros compactos nunca chamaram atenção. A explosão veio com o terceiro, *Do You Really Want to Hurt Me?*, que chegava ao alto das paradas no final de 1982.

Do início até agora, Boy George tem sido dos mais comentados e fotografados ídolos do rock mundial. E, apesar de superexposto, tem uma relação de amor-ódio com a imprensa, a quem freqüentemente acusa de injustiçá-lo. Para falar à BIZZ, Boy George recebeu o jornalista inglês John Brunton. Baseado em Singapura, de onde cobre a Ásia para revistas em inglês de Singapura, Hong Kong e Japão, Brunton colabora com as revistas inglesas "Time Out", "The Face" e a esnobe "Tatler". Vai sempre a Nova York preparar matérias para as revistas onde trabalha. Numa destas ocasiões falou com Boy George, grande amigo de infância de alguns de seus grandes amigos de infância. Com este pretexto para lhe abrir as portas, Brunton conversou com o superstar no Limelight, um clube nova-iorquino instalado num local onde antes funcionava uma igreja (a sala Vip tem belos vitrais decorados) e num quarto do Americano Stanhope Hotel. A entrevista foi feita nos dias 6 e 7 de junho. E lá vai:

BOY GEORGE

BIZZ — Você está ficando dois meses em Nova York. Por que tanto tempo longe de Londres e do resto do Culture Club?

Boy George — É que eu amo Nova York. É muito mais divertida que Londres. Mas na verdade estou aqui por uma razão muito séria — para terminar minha autobiografia e ajudar a promover meu amigo Marilyn (um travesti cantor).

BIZZ — E vai ser uma daquelas biografias típicas de pop stars?

Boy George — Não! Já estou trabalhando nela há quase um ano e meio. E não estou usando um redator. É por isto que está demorando tanto! Olha: esta é minha máquina de escrever, e minha seção sobre Joan Rivers (uma espécie de Hebe Camargo da TV americana). Dá para ver que estou fazendo tudo sozinho. Eu acho Joan fantástica, mas não posso suportar o bando de idiotas que a segue — fazendo seu penteado, sua maquilagem, suas roupas.

BIZZ — Quer dizer que nós vamos saber o que Boy George pensa de todas as celebridades que encontrou pelo caminho com o Culture Club?

Boy George — É isso. E vou escrever exatamente o que penso delas. Nada de calúnias, é claro. Na verdade, eu me jogo lama primeiro, no livro. O que é justo, quando você vai jogar lama nos outros.

BIZZ — Então este projeto é muito importante para você?

Boy George — Eu recusei 120 mil dólares do jornal inglês Daily Mail pela história de minha vida. Depois rasguei o contrato de minha editora inglesa porque eles não queriam me dar prazo para que eu trabalhasse no meu ritmo. Assim, o livro vai ser publicado aqui em Nova York, por uma editora chamada Crown Publishing.

"Eu sempre acho melhor dizer não a subornos"

BIZZ — Para nós é uma surpresa que o editor inglês tenha deixado você rescindir o contrato.

Boy George — Eles tiveram uma atitude terrível, tipo "nós estamos pagando você tão bem"! Isto me fez olhar para o passado, para meus princípios, no começo do Culture Club. Eu acho sempre melhor dizer não a subornos. Me oferecem tantas coisas, de qualquer maneira. Não preciso do dinheiro. Sempre recuso coisas, como publicidade, envolvendo montões de dinheiro.

BIZZ — E o visual do livro? Seu sucesso e o do Culture Club têm um forte apelo visual.

Boy George — Vou usar minhas fotos tanto quanto possível. Adoro fotografar pessoas — especialmente os *papparazzi* quando ficam no meu pé! Vou publicar uma foto de um homem enorme e gordo, completamente coberto de comida, mas produzido para parecer comigo quando eu tinha meus cachinhos. Isto é para os jornais que debocharam de mim quando eu estava gordo!

BIZZ — Olhando para este quarto de hotel, vejo coisas como uma máquina de costura, tesouras... Você ainda faz qualquer uma de suas roupas?

Boy George — Faço. Há anos eu costumava fazer coisas o tempo todo, e era muito mais criativo neste sentido. Agora estou começando de novo. Estou tentando encontrar mais tempo para estas coisas. Você

Foto Mark Lebon / Abril

Boy George, o jovem George O'Dowd em flagrante feito no ano de 83

Foto LFI

Um "look" mais contemporâneo e gorduchinho

não gosta daqueles chapéus que eu fiz? Mas Marilyn faz todas as suas roupas aqui. Ele está elaborando seu próprio visual.

BIZZ — Até que ponto vai a amizade entre você e Marilyn? (Neste momento, Marilyn sai de um dos quartos, com seu novo corte de cabelo moicano, enrolado apenas numa toalha exígua.)

Boy George — Marilyn e eu não somos amantes. Não há verdade em qualquer um destes rumores. Todo mundo que chega aqui logo pensa nisto. Mas eu tenho uma cama aqui, e ele, outra lá. Assim, basicamente, nós não dormimos juntos. Ele não é mesmo meu tipo! Somos amigos há dez anos. Eu o conheço desde que ele começou a entrar em saias justas e usar saltos altos. Não sei o que você acha, mas eu não entendo as lésbicas! A maioria delas se veste como homens, o que eu acho realmente besta. Conheço um bocado de belas mulheres que são lésbicas, e eu pensava que o negócio do lesbianismo era agradar mulheres atraentes! Se é assim, por que tantas delas tentam parecer feias, como homens?

BIZZ — Então, que tipo de gente você acha atraente?

Boy George — Se eu gosto de um homem, então eu gosto de um homem. E se eu gosto de uma mulher, eu gosto de uma mulher. Não sou chegado a coisas pela metade. Não gosto do visual andrógino. Se eu durmo com um cara, ele tem de ser masculino. Se eu durmo com uma mulher, ela tem de ser feminina. E Marilyn não cabe em qualquer destas categorias! Por isto, a possibilidade de mantermos uma relação é perversa, e divertida. Eu nos vejo como a princesa Margaret e o Roddy Llewelyn do rock and roll (Roddy foi um rumoroso caso na vida da princesa, um milionário com veleidades de cantor pop).

"Posso transar quase qualquer pessoa em NY"

BIZZ — Você tem muitos casos divertidos em Nova York?

Boy George — Casos divertidos? Eu não tenho casos. Tenho um namorado e uma namorada, em Londres. A garota se chama Lindsay, e eu não vou dizer o nome do rapaz. Sou muito monógamo.

BIZZ — Mas o fato de você ser Boy George deve fazer alguma diferença em sua vida sexual.

Boy George — Ser quem eu sou, ser Boy George, já basta. Dá para seduzir pessoas apenas com isto. As pessoas não têm de gostar de mim fisicamente para quererem ir para a cama comigo. Eu poderia transar quase qualquer pessoa em Nova York. Isto não é um auto-elogio. Dizer isto não me faz sentir bonito. Sei que quando acordar amanhã vou ter exatamente o mesmo número de manchas que tinha ontem. Não tenho ilusões de estar me transformando numa criatura bela e sedutora. Mas sei que virtualmente todo mundo em Nova York quer transar uma estrela. Ou seja, dá para dormir com quase qualquer um.

BIZZ — Em Londres é diferente?

Boy George — Até certo ponto. Mas é a mesma coisa em Paris. Em Londres são sempre modelos que tentam sair com você. Homens e mulheres, sempre tentando me levar para a cama. Porque acreditam,

Ao lado de seu "sósia", no Museu de Cera da Madame Tussaud, em Londres — um dia de consagração

BOY GEORGE

bobamente, que isto vai ajudar suas carreiras. Mas isto *não* acontece!

BIZZ — O que acontece quando você vê alguém com quem quer ir para a cama?

Boy George — Comigo funciona assim: se for para eu ter um caso com uma pessoa, eu vou testá-la primeiro. Recentemente eu estava conversando sobre isto com a Diana Ross. Nós falávamos sobre como é fácil levar pessoas para a cama quando se é famoso. Às vezes a gente não resiste ao uso deste poder, porque ocasionalmente encontramos pessoas que deixam a gente mesmo a fim. Daí nós pensamos — droga, não interessa. A gente só pensa que vai ser uma transa divertida. Você tem de ser cínico. Gosto de gente que age direto. Se você quer deitar com alguém, não tem de ficar enrolando. Não gosto quando alguém chega comigo em casa e resolve que não vai transar sexo. Eu mando estas pessoas de volta para suas casas. Mas elas na verdade não me incomodam. Nunca fico chateado por causa de sexo. Dinheiro e sexo são duas coisas com as quais não esquento a cabeça!

BIZZ — Você não se preocupa mais com dinheiro?

Boy George — Eu não diria isto. Se você tem dinheiro você tem de mantê-lo. Eu levo uma vida muito cara. Tenho tanta consciência do dinheiro quanto qualquer um. A coisa idiota é que, para gastar dez mil dólares, você tem de ter vinte mil, porque é isto que se paga de imposto. O dinheiro não vem de um bolso furado. Eu tenho um montão de grana, mas tenho pai e mãe para sustentar e uma irmãzinha que está estudando maquiagem na escola.

BIZZ — Tem muita gente que se pendura em você por causa do dinheiro?

"Sempre espero o pior de todo mundo"

Boy George — Não. Eu não me importo se gosto de alguém que encontro e que é interesseiro ou quer subir socialmente. O problema com este mundo é que todo mundo "dá" para "receber". Por isto, quando a gente dá, espera automaticamente receber algo de volta. Eu tento não ser assim, nem sexual nem psicologicamente. Tento dar. Se alguém quiser retornar este favor, legal, mas eu não me importo com isto. Sempre espero o pior de todo mundo. É uma forma de ter surpresas agradáveis. É meu prazer dar. Não me importo. Mas não sou um idiota. Nunca levo dinheiro comigo. Nunca pago para alguém que eu não queira. Mas sempre pago o jantar quando saio com amigos. Sempre. Porque eu posso pagar e

Foto BBC/ Abril

Com a banda: Jon, Boy, Mickey e Roy

Foto Gamma

Num de seus momentos mais elegantes, com pique pra revista de moda nenhuma botar defeito

Foto Johnny Rozsa. Gamma - Liasion

Pré-Culture Club, no tempo do clube Blitz

não há razão para eu não agir assim. Todos neste mundo têm de ter dignidade, e é o dinheiro que tira a dignidade das pessoas!

BIZZ — Ter tanto dinheiro afeta sua relação com os amigos?

Boy George — Não deixo pessoas que estão comigo se envergonharem por não serem ricas. Por isto, eu automaticamente pago por elas. Todo mundo merece dignidade — esta é uma das coisas mais importantes que meus pais me ensinaram.

BIZZ — Você ainda vê seus pais?

Boy George — Sim. Falo muito com eles por telefone. Eles sempre lêem sobre mim nos jornais e me ligam para saber se está tudo bem.

BIZZ — Em Nova York você leva uma vida um tanto agitada, saindo todas as noites.

Boy George — É. Mas quando estou em casa me deito cedo.

BIZZ — Como você compararia Londres a Nova York?

Boy George — Quando volto a Londres vindo de Nova York me sinto em um país comunista. Há tantas restrições. Mas a Inglaterra ainda é o melhor país do mundo. A única coisa que me irrita na Inglaterra é que o partido fascista, o National Front, é menos agredido pela imprensa que um pop star efeminado como eu!

BIZZ — Você vota nas eleições?

Boy George — Sempre voto no Partido Ecológico. Salve uma árvore!

BIZZ — O Culture Club é muito uma banda da moda. Como você compara o mundo da moda e o mundo pop?

"A Inglaterra não valoriza suas coisas"

Boy George — A coisa triste sobre o mundo da moda é o fato de ele ser tão competitivo. É ainda mais competitivo que a indústria musical ou o mundo da arte. As modas chegam e passam tão rápido que você tem de capitalizar uma idéia imediatamente, antes que ela se torne redundante. Pense numa estilista como Vivien Westwood. Ela é um gênio. Suas roupas punks eram os únicos sinais realmente modernos existentes em Londres. Todo o resto são idéias recicladas. Dá para ver, freqüentando os shows de moda franceses, que cada design é inspirado por um tema. Mas, com Vivien Westwood, as roupas eram absolutamente a afirmação de algo novo. Ela deveria ter ganhado um prêmio por isso. E veja Malcolm McLaren. Ele é tão esperto.

BIZZ — A Inglaterra ainda é com certeza um lugar muito inovador para se viver e trabalhar.

Boy George — Sem dúvida. O problema com a Inglaterra é que nunca valorizamos nossas melhores coisas. A Inglaterra ainda é a capital da moda mundial. A Inglaterra é um laboratório de idéias, e todas elas fogem para outros lugares. Você sabe que nós vendemos a Harrods (elegante loja de departamentos de Londres) aos árabes? É horrível! É uma espinha dorsal da herança inglesa, e nós a vendemos aos árabes.

BIZZ — Existem no momento diversos projetos musicais cuja intenção é ajudar a África a resolver seus problemas. Você esteve envolvido com a gravação britânica do Band Aid.

Boy George — É, eu cantei na música. Meu pedaço foi o melhor.

Foto Johnny Rozsa/ Gamma - Liaison

Oxigenado, em mais uma de suas mutações

Foto Phil Loftus/LFI

O rosto atual, agitando na noite novaiorquina

BOY GEORGE

BIZZ — Por que você concordou em fazer este trabalho?

Boy George — Porque me pediram. Nenhuma outra razão. Seria estúpido não fazê-lo.

BIZZ — O que você achou do "We Are the World", do USA for África?

Boy George — Achei super. As vozes são impressionantes. É muito melhor que a música do Band Aid inglês.

BIZZ — Você não achou banal?

Boy George — Achei. Mas tudo nos Estados Unidos é banal. A América é muito banal. É a cara da Farrah Fawcett Majors! Mas há alguns grandes cantores em "We Are the World". Amo Cyndi Lauper, Diana Ross e Dylan. Eu era muito fã de Dylan quando era menino!

BIZZ — Nós nunca imaginaríamos ouvir que Dylan foi uma de suas primeiras influências!

Boy George — Na escola ouvia muito Dylan e Joni Mitchell. Eu só reagia contra tudo que todo mundo gostasse. Gostava de coisas diferentes. Adorava músicas de "afirmação". Gostava demais de Marc Bolan, Soft Machine e Iron Butterfly!

BIZZ — Isto não é um pouco anterior a você?

Boy George — Eu encontrava estes discos na coleção de meu irmão. Eu e minha namorada, Tracy, gostávamos de tudo que fosse antigo, estranho e hippie.

BIZZ — Quando você fica aqui em Nova York por um longo período, como agora com Marilyn, o que acontece com o resto do Culture Club?

"Os jornais me chamavam de Homem Elefante"

Boy George — Eles fazem o que querem. John Moss está produzindo uma banda chamada Whoa Yeah Yeah. Está compondo com eles, e estão fechando um contrato com o selo Chrysalis. E está envolvido em diversos outros negócios. Enquanto isto, Mickey e Roy estão em Paris. Estão lá porque fogem do imposto de renda britânico. Mas eu não!

BIZZ — Quando é que vocês vão se juntar de novo e gravar outro LP do Culture Club?

Boy George — Já gravamos quatro faixas, na Suíça, antes de eu vir para cá. Daí nós vamos nos reunir em setembro para gravar outras.

BIZZ — E uma excursão?

Boy George (Já tendo viajado após a entrevista) — Em julho vamos estar no Japão, fazendo três noites no Budokan. Eu adoro o Japão, é um barato. Depois nós vamos para a Grécia e Israel.

BIZZ — Uma banda como o Culture Club tem um enorme número de seguidores em todo o mundo. Como é que você acha que se relaciona com eles? O que é que você pensa deles?

Boy George — Estou envolvido demais com o fã-clube do Culture Club. E gosto mesmo de estar envolvido. A cada três meses a banda produz um flexidisc, na verdade um disco falado. De nós para os fãs.

BIZZ — Você não vê isto como mais uma obrigação comercial — só para deixar seus fãs contentes?

Boy George — Não! É mesmo divertido! É melhor do que qualquer outra coisa que você possa fazer em um fã-clube. E enviamos fotos coloridas de graça e um jornalzinho,

que *eu* escrevo.
BIZZ — Escreve mesmo?
Boy George — Mas claro. Dá para saber, se você ler. Ouça isto: "Acabei de chegar em casa depois de uma viagem curta, mas atarefadíssima, a Nova York, só para ser recepcionado com comentários abusivos de fotógrafos feios que queriam tirar um lucro de meus traços gloriosos e superfotografados. Estou de volta, queridos, e tenho um montão de coisas saborosas para contar para vocês!"
BIZZ — Parece bem pessoal.
Boy George — E é. Numa certa época, os jornais estavam me atacando, me chamando de O Homem Elefante. Por isto fizemos um button para os fãs, dizendo: "Nós amamos o Homem Elefante". Eles amaram. De vez em quando, mando para um fã algumas fotos que eu mesmo tirei. Talvez da banda na estrada, ou mesmo de Marilyn sentado na privada!
BIZZ — Na sua posição, quase todo mundo no mundo lê sobre Culture Club, sobre você, Boy George, e o que você anda fazendo.
Boy George — Na indústria musical, há muito poucas pessoas que valem a pena como notícia internacionalmente. Dá para dizer um tanto a respeito de certas pessoas, e a partir daí fica chato.
BIZZ — Mas você não acha que vai ficar chato?
Boy George — Eu fiz uma tentativa deliberada para ser mais que "apenas outro pop star". Mas, a parte isso, sou o que sou. Não me comparo com ninguém, porque não é isto que desejo. Pessoas como eu e Joan Collins valem a pena. Eu estive nos jornais de Nova York todos os dias desde que cheguei.
BIZZ — Não incomoda estar nos jornais todos os dias?
Boy George — Em Nova York isto não me parece uma invasão de minha privacidade. Aqui não estou em casa. Seria outra coisa em Londres. Acho que percebi há pouco tempo que aconteça o que acontecer — mesmo que eu esteja sendo malhado ou que as pessoas digam que sou um fracasso — eles ainda querem me fotografar. Eu ainda sou notícia. Ou você coopera com um sorriso e age profissionalmente, ou grita e esperneia!
BIZZ — Você está num hotel muito caro e exclusivo aqui em Nova York. Você funciona de algum jeito especial quando está fora de casa?
Boy George — Sim. Eu sempre ligo para a telefonista e pergunto como vai, porque elas sempre ficam malucas comigo. Por isso eu mando flores para elas, ou coisas assim. Eu sempre me apresento quando chego e digo a elas que elas vão viver um pesadelo com meus fãs e a imprensa.
BIZZ — Ficamos surpresos com a facilidade com que chegamos até você.
Boy George — Olha: se as pessoas chegam aqui e dizem um monte de lixo sobre quão importantes elas são, então eu não falo com elas! Porque eu odeio toda espécie de suborno e pressão.

O amigo Marylin, companhia inseparável, lambendo uma nota preta

Foto Laura Luongo/Sipa Press

BIZZ — Você trata seus fãs do mesmo jeito que trata os jornalistas?
Boy George — Depende. Se um fã telefona e é rude, ou eu desligo ou vou ser rude com ele também.
BIZZ — Você sempre tem consciência de que as pessoas tentam te explorar porque você é Boy George?
Boy George — Claro, mas as pessoas tentam e conseguem explorar as outras o tempo todo.
BIZZ — Você acha que está tentando provar alguma coisa ao mundo, escrevendo sua autobiografia?

"A gente sempre tenta provar alguma coisa"

Boy George — Faça o que fizer, você está sempre tentando provar alguma coisa. Mesmo quando está transando, tenta provar alguma coisa. Existe uma razão para tudo.
BIZZ — Você e a banda parecem muito interessados em encontrar novos lugares para tocar.
Boy George — O que acontece com uma banda como o Culture Club é que enche ficar sempre tocando no mesmo velho circuito, Inglaterra e Estados Unidos. Eu por exemplo adoraria tocar na Índia. E isto pode bem acontecer!
BIZZ — Você já esteve na Índia?
Boy George — Vou no final do ano, com meus amigos do Hare Krishna, para dar um tempo do mundo material! Adoro sujeira. Adoro países sujos. Acho educativo conhecer países como este. Eu gostaria de jejuar por quarenta dias!
BIZZ — Mas você já perdeu um bocado de peso!
Boy George — Não é por isto. É por razões espirituais. Eu já tenho maus hábitos alimentares. Eu como, por exemplo, às quatro da manhã, e depois fico sem comer nada por quatro dias. Eu simplesmente esqueço.
BIZZ — Você não teme que todo este ti-ti-ti que o cerca acabe algum dia?
Boy George — De jeito nenhum. Tudo tem de terminar. Quando as pessoas babavam pelo Prince no ano passado, eu disse que ele *não podia* manter o pique que estava mantendo. Tinha de parar. E parou. Com a chegada do novo disco, as pessoas começaram a pichá-lo, mais rápido do que o fizeram com o Culture Club. Prince segurou demais uma ilusão, inda mais com todo aquele papo sobre o cobertor que ele usava na cabeça!
BIZZ — O que você acha da música dele?
Boy George — Ele é muito esperto. Eu gosto da música de todo mundo.
BIZZ — Você leva muito a sério esta história de Hare Krishna?
Boy George — Eu certamente nunca me transformaria num devoto. Gosto demais de sexo para ser um devoto. A gente tem de abrir mão de tantas coisas, o que eu não pensaria em fazer. Nunca diria a al-

Alguns dias depois da entrevista, gravando um programa em Paris com seu ursinho coala

Foto Anne Sarder/Gamma

BOY GEORGE

guém para entrar no movimento Hare Krishna. Sempre digo: Façam o que quiserem. Mas os Krishnas de Nova York são incríveis.

BIZZ — Ouvi dizer que eles vêm visitar você e Marilyn aqui no hotel.

Boy George — Isto mesmo. Vieram dois deles na noite passada. Eram gays antes, e agora são monges celibatários! Eram realmente fabulosos. Vieram e trouxeram um pouco de comida vegetariana para nós. Daí, Marilyn disse que gostaria de comer um siri mole. E o Krishna disse que poderia ser um siri mole na próxima encarnação. E Marilyn disse: "Talvez eu seja uma folha de alface!" Então, quando Marilyn saiu do quarto, o Krishna disse para mim: "Deve ser por isto que ele é tão casca grossa agora!" (num trocadilho entre *crab*, o crustáceo em questão e *crabby*, casca grossa).

BIZZ — E a questão das drogas? O problema da cocaína e toda a publicidade na Inglaterra sobre os problemas com a heroína?

Boy George — Eu nunca tomo estas coisas. Nunca tomo drogas químicas. Detesto o que elas fazem com a gente. Em Londres estou envolvido numa grande campanha contra a heroína. Acho que todo mundo deve tentar fazer alguma coisa.

BIZZ — Há muita música brasileira rolando por aqui no momento, com alguns nomes famosos por lá, em concerto, como Gilberto Gil e Gal Costa. Você sente qualquer influência da música latina em seu trabalho? Você gosta de música latina?

"Tenho planos de ir ao Brasil no final do ano"

Boy George — Ouço de tudo. Acho que toda música é boa. Quando comecei o Culture Club, parei de ouvir música. Cortei e desprezei muitas coisas. Estava muito envolvido com o que estava fazendo. Mas basicamente eu amo música. E a música de outras pessoas influencia a minha. As pessoas que não sofrem influências são muito chatas. Qualquer pessoa que permaneça no mesmo nível, em qualquer atividade, é um idiota.

BIZZ — Quer dizer que sua música está sempre mudando?

Boy George — Gosto de sentir que posso fazer o que escolher fazer. Não há limites para o que eu posso cantar. Eu sei o que eu canto melhor, mas não há limites para o que eu posso fazer.

BIZZ — Há um concerto esta semana com o star brasileiro Gilberto Gil. Você conhece a música dele?

Boy George — Não, não conheço nada. A única ligação que tenho com o Brasil é o fato de John, meu baterista, e seus pais terem passado o Carnaval no Brasil há uns dois anos. Disseram que foi a coisa mais impressionante que já tinham visto. Foram todos parar num estádio de futebol, onde milhares de pessoas tocavam percussão! Trouxeram toneladas de discos para a Inglaterra, e eles foram ouvidos pela banda.

BIZZ — Você tem planos de tocar na América do Sul?

Boy George — Tenho. Tenho planos de ir para o México, Porto Rico e Brasil no final deste ano. Mas não sei se estes planos vão dar certo. Nós andamos tocando num bocado de lugares novos. Por isto, se não tocarmos no Brasil este ano, tocaremos no ano que vem!

JOPLIN E HENDRIX

Foto Sandra Fanzeres Abril

Foto Abril

***"Quem morreu está feito pelo resto da vida."* Sábias palavras de Jimi Hendrix que, como Janis Joplin, morria há 15 anos. Vítimas do próprio inconformismo, Jimi e Janis escreveram um capítulo fundamental da história do rock**

JANIS, branca que se fez negra, nasceu a 19 de janeiro de 1943. Port Arthur, sua cidadezinha texana, não esperava dela mais do que o apego cotidiano aos valores da classe média. Não foi o caso. A juventude rebelde atravessou os anos 50 e chegou aos 60 mais desiludida ainda, preparando a aventura hippie. Janis, gorducha, espinhenta e desajustada, alimentava o fogo atrás de seus modos dúbios de adolescente. Abandonou o Texas pela Califórnia. A música negra se revelara para ela na voz de Bessie Smith e, em São Francisco, ela se juntou a uma banda, Big Brother & The Holding Co. A consagração veio da noite para o dia: o público do Festival de Monterey (67) não podia crer naquela menina que cantava o blues como ninguém. "Como uma negra", disse o soberano B.B.King. "Canto música negra para arrancar dinheiro dos brancos", debochou ela. Brancos e negros adoraram *Cheap Thrills*, o primeiro LP, de 67. Inquieta, ela abandonouo Big Brother e lançou *Kosmic Blues* em 69. Mas nem no auge da carreira Janis estava bem. Álcool, sexo e drogas afogavam desde cedo sua insegurança, e a hipocrisia dos que a cercavam não melhorou as coisas. Janis, agora, representava Pearl, uma heroína vulgar e dissoluta que imaginou para si mesma, degradando o corpo como degradara a consciência. *Pearl*, o disco, foi um lançamento póstumo: Janis morreu de overdose a 4 de outubro de 1970.

JIMI, James Marshall Hendrix, nasceu em Seattle, Washington, em 27 de novembro de 1942. Herdou do pai, Al, o gosto pela música — e como. A primeira guitarra já era empunhada ao contrário pelo menino canhoto de 12 anos, que imitava seus ídolos do blues. Passou pelo exército como paraquedista, mas escapou do Vietnã porque se acidentou em um salto. Pôs o pé na estrada acompanhando Little Richard, Isley Bros, Ike e Tina Turner. Mas foi em Londres, levado por Chas Chandler, dos Animals, que ele conheceu o sucesso. Com o trio Jimi Hendrix Experience — Noel Redding e Mitch Mitchell fazendo uma cozinha branca para o negro furioso — arrasou. Dois compactos excelentes, dois LPs em 67 *(Are You Experienced* e *Axis: Bold as Love)* e barbaridades ao vivo. Quebrou e incendiou guitarras, inventou a utilização musical da microfonia e incentivou o desenvolvimento dos pedais de efeito. "As pessoas fazem sons quando aplaudem, nós fazemos mais sons de volta." Voltou aos EUA para o Festival de Monterey (o da estréia de Janis). Mais um LP *(Electric Ladyland)* e o sentimento de que era preciso fazer uma música nova, avessa a fórmulas. Dissolveu e criou bandas, distorceu o hino americano em Woodstock, mas sentia que sua energia estava implodindo. Jimi morreu em 18 de setembro de 1970, sufocado pelo próprio vômito, enquanto dormia sob o efeito de barbitúricos.

"Oh, Senhor, por que não me compras um Mercedes Benz? Todos meus amigos andam de Porsche", cantava ela. Acima, Janis em seu Porsche pintado a mão

NA VIDA COMO NA MORTE

JOPLIN-HENDRIX

Quanto vale um mártir para nós? Quanto vale o martírio? De que vale o culto à morte? Um tributo a Janis e Jimi escrito especialmente por Ana Maria Bahiana

Há quinze anos, de um modo abrupto, violento e desagradável, todo mundo percebeu que uma década tinha acabado. Isso é um fato raro, por incrível que pareça: décadas, como toda a nossa tentativa de contagem do tempo, são fantasias. Os "anos 50", no fundo, no fundo, começam aí por 1956 e se estendem até 1963. Os "anos 60", no fundo, no fundo, começaram aí, com a mini-saia, os Beatles e os primeiros pós-beatniks chegando ao cruzamento das ruas Haight e Ashbury, em São Francisco.

Contudo, mesmo considerando que, principalmente cá para nós, "os anos 60" continuaram até pelo menos 1974, eles tiveram uma clara linha de chegada. A vibração específica dos "anos 60" começa a definhar nos estertores de 1969: Altamont e os crimes da "família" Manson. E, em 1970, um tapa na cara: os Beatles se separam, morre Jimi Hendrix, morre Janis Joplin. *This is the end, beautiful friend* — "É o fim, bela amiga", verso de "The End", dos Doors. (Mas Jim Morrison só morreria no ano seguinte.)

Culto mórbido

Mas eu não queria começar este texto falando de morte. Porque temos essa noção distorcida de morte, essa adoração doentia da morte no universo pop (principalmente, mas não só nele), lembramos de Jimi e de Janis, por exemplo, pela dimensão trágica de suas mortes e não pela oferenda generosa de suas vidas. Temos essa doença mórbida do culto ao maldito, ficamos assim escarafunchando as feridas alheias — ah, os doidos! ah, os trágicos! ah, os marginais!

Exorcismo do barato

Pensamos resgatar em seu sangue a mediocridade de nossas vidas. Que balela, meus amigos. A loucura dói. E a morte, entendida assim, é só um fim. E não um começo, uma transformação. Comecei falando das mortes da morte de uma década

Foto LFI

Jimi e sua Fender Stratocaster, um caso de amor que virou o blues de cabeça para baixo

Foto LFI

Um amante do futuro e da tecnologia

Foto Yoram Kahana Keystone

Uma branca na linhagem das Damas do Blues

para pensar, em primeiro lugar, em [illegible]. Que é o que Jimi e Janis *are all about*.

Primeiro [illegible] exorcizar o fantasma da morte. Não tem a menor graça sumir de cena aos 27 anos. Ponto. Cada vez que escrevo a biografia de Janis ou de Jimi (e já escrevi algumas) tenho vontade de fazer um faz-de-conta e dar a cada um, pelo menos, mais uns 30 anos de vida. Ou, sendo fiel aos fatos, acrescentar ao pé do texto: "Desculpe, leitor, trata-se de um lamentável equívoco". A essa altura do campeonato, da dimensão em que se encontram ambos, devem achar um absurdo serem lembrados, hoje, por terem morrido tragicamente, precocemente. Na época, não sei. Janis, em especial, era uma personalidade fracionada, sofrida, masoquista, não-resolvida. Tinha problemas de auto-identidade, não sabia o que fazer de sua feminilidade agressiva num mundo em que a liberação feminina ainda era um começo de conversa. Tinha uma família amorosa/repressora nas costas e um mundo de sensibilidade à flor da carne dentro do peito. Tinha, também, uma adoração fetichista menos pelo blues que pelo sacerdócio de blues, quase sempre entrecruzado de tragédia: Billie Holiday.

Não acho demais imaginar que Janis tenha-se visto como *avatar* das Grandes Damas Trágicas do Blues. Escolher a heroína como válvula de escape é sintomático: a herô destrói. Ponto. Adormece e destrói. Não tem erro. Quando Janis começou a achar que talvez valesse a pena ficar acordada, lúcida e inteira (ela havia dado entrada nos papéis para se casar horas antes de se injetar com uma dose fatal de herô, num hotel de Los Angeles, a 3 de outubro de 1970), o jogo com a morte já tinha ido longe demais. *Out of control*. (Um parêntesis sobre heroína: ouço cada vez mais historinhas sobre como a heroína está ficando *in* em nossos círculos prafrentex. Acho rigorosamente estúpida essa brincadeira com uma força que não é feita para se brincar. Se a idéia é o suicídio, *bon voyage*, meu jovem. Heroína é sórdida, idiota e sem saída. Não é *chic*, não é *in*, não é nada. Se a idéia é ser "flor maldita", aconselho a zona. Se é "brincar com o perigo", que tal pular corda na linha do trem? Pelo menos é de graça.)

Mundo medíocre

Jimi já é outro papo. O fogo que ardia nele era o da vida e da criação. Era um hedonista, sensual, amigo dos prazeres como todo Sagitário que se preze. Sua fragilidade era não conseguir lidar com o mundo real, o mundo dos problemas medíocres, dos contratos, da grana. Numa bela manhã londrina de final de verão, no dia 18 de setembro de 1970, Jimi engoliu nove pílulas para dormir, numa tentativa de desligar uma cabeça excessivamente acelerada e passar em brancas nuvens por uma desagradável sessão de debates contratuais com advogados. As pílulas eram (e são) vendidas em qualquer farmácia. Mas Jimi morreu. Desculpem o lamentável equívoco.

Agora que exorcizamos a idolatria do Morto Célebre, falemos de vida e transformação. A saída de cena de Janis e Jimi é, como a se-

PRÁ CIMA MOÇADA!

NA FLUIR Nº 11 TUDO SOBRE AS COMPETIÇÕES, NO BRASIL E NO EXTERIOR.
- UBATUBA
- ÁFRICA DO SUL
- OS MASTERS DO SURF: CISCO, CAULI E DANIEL FRIEDMANN
- IAN CAIRNS, DIRETOR EXECUTIVO DA A.S.P., FALA SOBRE A POSSIBILIDADE DE TERMOS UMA PROVA DO CIRCUITO MUNDIAL NO BRASIL
- E O ULTRAJE A RIGOR FALANDO DE SOM E DE SURF: VAMOS INVADIR!
- DIA 5 DE SETEMBRO NAS BANCAS!

REVISTA FLUIR

Foto Abril

O herdeiro Prince mostra a lingüinha: Jimi tocava com ela e os dentes

paração dos Beatles, emblemática do fim de uma era. Digamos a era da inocência: Jimi e Janis representavam a expressão individual em seu apogeu, a experimentação a todo risco, o desprezo por regras de mercado e armações. É claro que ambos foram manipulados — Hendrix, pelo empresário Chas Chandler, que passou a limpo seu visual *soul revue* e trouxe-o para o mundo hippie. Janis, pelo também empresário Albert Grossman, que descobriu que o mundo no novo pop tinha tudo, menos uma poderosa (e *sexy*) figura feminina (e preparou Janis, relutante, para o trono). Mas ambos transcenderam essas armações — ao preço, quem sabe, de seu equilíbrio emocional. E, de todo modo, elas eram brincadeiras perto do que viria nos anos 70 — o rock empacotado totalmente como o Grande Entretenimento Juvenil Universal, com o acompanhamento tilintante de milhões de dólares ao fundo.

Descabelada sacerdotisa

Teriam ambos sobrevivido a essa era? Janis tinha uma limitação: era basicamente intérprete. E intérprete reverente a uma escola específica, que eram os blues. De repente, sua trajetória só pode ser entendida dentro do contexto em que se deu: a grande, doida, descabelada encarnação branca das sacerdotisas do blues. Sua luminosidade, sua graça, é essa: ter colocado o Delta, Chigago e Memphis no roteiro musical dos filhos estradeiros da classe média. E ter expressado publicamente uma sexualidade feminina triunfante e positiva, embora — ainda — sofrida. Gostaria de vê-la viva e agora, cantando ao lado de Tina Turner, de quem é irmã natural de sangue.

Hendrix é outro papo. Ele se movia naturalmente no território da invenção. E, por isso, toda a sua trajetória apontava para o futuro. Era o futuro e tudo o que ele reservava de desconhecido que o interessava. Foi em nome do futuro que ele abriu um estúdio *state-of-the-art*. Em nome do futuro ele tocava guitarra como se desconhecesse o que era tocar guitarra. Abolindo o passado — o karma — do instrumento, ele acreditava redesenhar seu destino — o dharma. E estava certo — depois dele, a guitarra nunca mais foi a mesma.

Tambores eletrônicos

Mas há outro aspecto que passa freqüentemente em brancas nuvens quando se pensa em Jimi: ele era um artista negro, firmemente enraizado no blues e no soul. E é isso, sempre foi isso, que ele toca, tocou, melhor. Karma e dharma: Hendrix queria a África interestelar, os tambores eletrônicos. Nada mais contemporâneo — vivo, hoje, Jimi estaria na linha de frente da sonoridade, tocando com Nile Rodgers, com os africanos como King Sunny Adé, Fela e Touré Kounda, produzido por Bill Laswell, gravando com Prince, trocando figurinhas com James Blood Ulmer, os irmãos Marsalis, Omar Hakim, os newjazzistas filhos de Ornette Coleman.

Este é o banquete do qual fomos privados pela lamentável falha técnica de 18 de setembro de 1970.

Mas não tem nada, não: compreenderemos a morte como a transmutação da vida. Deixaremos que a passagem dessas pessoas pela Terra nos alimente de luz e experiência — as gargantas mais soltas e o blues mais presente por causa de Janis, a guitarra renascida e o futuro do funkjazzrock de 1985 possível por causa de Jimi.

"Vamos beber à saúde das pessoas que dão duro. Vamos beber ao sal da terra" (trecho da letra de "Salt of the Earth", dos Rolling Stones, escrita por Jagger e Richards).

Foto LFI

Da esquerda, Curt Smith e Roland Orzabal, o TFF

TEARS FOR FEARS Milionárias neuroses pop

Nem sempre surge no cenário pop um grupo que venda um milhão de discos exorcizando seus traumas. *José Emilio Rondeau* achou um grupo desses

O mundo do rock tem muito que agradecer a Arthur Janov. Ele elaborou uma terapia psicanalítica baseada na teoria do grito primal — as agruras da maturidade seriam resolvidas ao se extravasar os sentimentos mais primitivos de dor e angústia através do grito. Se ela não tem sido abraçada com entusiasmo pela comunidade psicanalítica, achou nótável receptividade em alguns astros de rock. E os rebentos deste estranho casamento — Janov e rock — são ilustres e brilhantes. O filhote mais velho nasceu em 1971, sob a forma do primeiro álbum solo de John Lennon, que traz "Mother", "God" e "Well, Well, Well". Ninguém contesta que foi um dos mais importantes capítulos da carreira de Lennon e da história do rock. O filhote caçula não é um disco, mas um grupo que baseou seu conceito artístico nas teorias de Janov: Tears for Fears.

Desde o nome — traduzido, significa trocar os medos pelas lágrimas — até as músicas — que remexem tópicos incomuns no pop, como os problemas que se enfrenta na criação de um filho —, o Tears for Fears é um grupo singular. E, hoje, um dos mais bem-sucedidos.

Mês passado, no meio de sua primeira turnê mundial, o Tears for Fears comemorou o primeiro milhão de discos vendidos. O segundo álbum do grupo — *Songs from the Big Chair* — passeava entre os cinco mais vendidos da listagem da *Billboard*, e o compacto do álbum, "Everybody Wants to Rule the World", era líder de vendagens nos Estados Unidos e na Inglaterra. "Shout", o segundo single, caminhava célebre para o topo das paradas do mundo inteiro.

Curt Smith: "Não quero ter um estilo de vida rock'n'roll"

A chegada do Tears for Fears — na verdade uma dupla, formada pelo baixista Curt Smith e pelo compositor Roland Orzabal — à mais alta casta do mundo pop não deixa de ser intrigante. Afinal, não é todo dia que um artista de rock faz sucesso explorando os cantos mais escuros da mente humana. Mas se explica: as neuroses de Smith e Orzabal são exorcizadas através de melodias grudentas, difíceis de esquecer e através de arranjos saborosos, que misturam climas primitivos e modernérrimos com extremo bom gosto.

Roland e Curt tiveram tempo suficiente para lapidarem este som que agora é milionário. O grupo existe desde 1981, mas eles se conheceram aos 13 anos de idade, em sua cidade natal, Bath, a 200 quilômetros de Londres. Roland tinha um pai cruel, "um verdadeiro monstro", que brigava com a mulher e espancava os filhos. Por causa do pai, Roland hoje não confia em ninguém do sexo masculino.

Uma das poucas exceções é seu parceiro Curt, cujos pais separaram-se quando ele ainda era garoto. Curt, então, tornou-se um jovem delinqüente disposto a amassar alguns narizes e a estilhaçar algumas janelas por mero prazer.

Está aí, portanto, a origem da musa que sempre inspirou o Tears for Fears.

Contudo, não deixa de surpreender a posição que a dupla tomou diante do sucesso e da fama. Ambos são maridos fiéis e operários do rock dedicados a sua obra e a seu público. Glamour e complacência são palavras que não fazem parte do vocabulário da banda. "A última coisa que eu quero", decreta Curt, "é ter um estilo de vida rock'n'roll".

TALKING HEADS

DISCO NOVO, ROUPA NOVA

por *Silvano Michelino*

Depois de dois anos longe dos estúdios, *Little Creatures* é o novo disco dos Talking Heads, trazendo-os de volta ao rock simples e francamente gozador do american way of life que cultivavam no começo da carreira. Isso foi na época dos primeiros shows no clube CBGB's de Nova York, ao lado dos Ramones, Television, Blondie e Patti Smith, desde 74 e até os dois primeiros LPs, *77* e *More Songs about Buildings and Food.*

Jerry Harrison, tecladista e um dos guitarristas da banda, foi o último a chegar, vindo dos Modern Lovers. Antes dele já estavam David Byrne, vocalista, guitarrista e bandleader, e o casal Chris Frantz, baterista, e Tina Weymouth, baixista. Como trio, gravaram um single.

É Jerry — que também tem um trabalho solo gravado, o LP *The Red and the Black* — que fala, com exclusividade para BIZZ, das fases da banda: do início, dos trabalhos mais recentes, *Stop Making Sense* e *Little Creatures;* do período intermediário, mais experimental e africanizado, incentivado pelo músico e produtor Brian Eno; de muito mais...

No sentido do relógio: David Byrne (canto, percussão, direção), Jerry, Tina e Chris

Foto EMI

BIZZ - *Vamos começar voltando um pouco ao passado: de toda a pesquisa africana dos Talking Heads, qual foi a influência mais forte?*

JERRY - Acho que foi a música do Fela, um cara cheio de pulsação. É uma música excitante que, mesmo sem entender, a gente sente fundo.

BIZZ - *E esse projeto afrofunk de vocês já foi concluído?*

JERRY - De certo modo sim. Mas acho que o ritmo ainda é nossa principal preocupação. Inclusive no novo álbum — mesmo que isso seja menos evidente, como se o destaque fosse para a melodia e a harmonia. Se você ouvir melhor, vai perceber que o ritmo é muito bem cuidado.

BIZZ - *Você acha que em uma faixa como "I Zimbra" (do terceiro LP,* Fear of Music*), o trabalho rítmico está mais evidente?*

JERRY - Não sei, até em "Burning Down the House" (um hit do LP *Speaking in Tongues*, de 83) as pessoas enxergavam a "bateria africana dos Talking Heads". E ela era até quadrada, um tum-tum-tum cheio de semifusas. Aquilo é tudo, menos afro. Dos nossos LPs, o mais africano é o quarto, *Remain in Light*.

BIZZ - *Agora, no* Little Creatures *tem uma faixa com o percussionista brasileiro Naná Vasconcelos. Como foi trabalhar com ele?*

JERRY - Genial! Ele é um cara ótimo, com aquele jeitão meio aéreo. Não sei como consegue tocar tumbadoras com as costas das mãos.

"Aprecio as misturas de ritmos africanos com harmonias elaboradas"

BIZZ - *O que você conhece, e o que mais gosta, da música brasileira?*

JERRY - Eu adoro, tem um programa de rádio em Nova York — o *Sound of Brazil* — que eu sempre ouço, mas não dá para guardar os nomes. As misturas de ritmos africanos com harmonias elaboradas são as que eu mais aprecio.

BIZZ - *Vocês têm planos para tocar no Brasil?*

JERRY - Não, mas eu gostaria muito. Ouvi falar do Rock in Rio. Mas não há nenhuma turnê programada... só uma idéia de tocar na Europa no começo do ano que vem.

BIZZ - *Voltando ao* Little Creatures, *como foi a redução da "big funk band" de até nove componentes para vocês quatro, além de algumas participações?*

TALKING HEADS

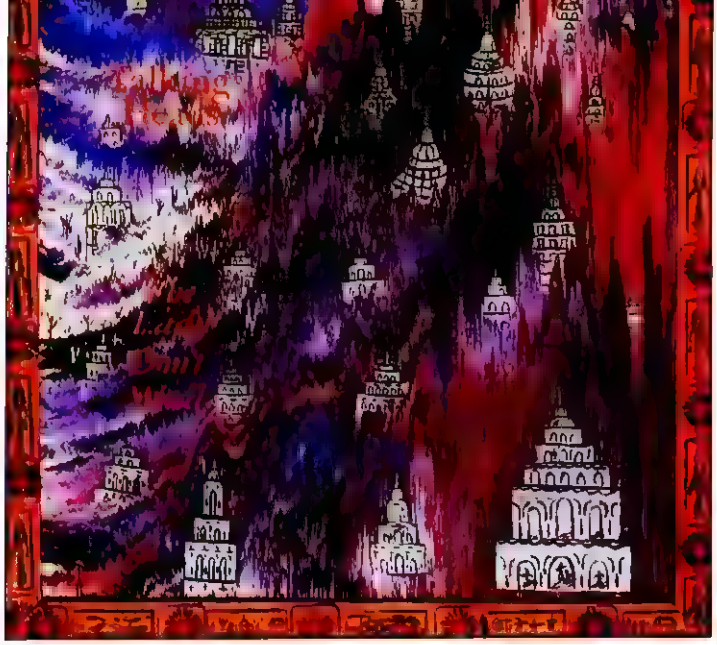


Foto Estudio Abril

"The Lady Don't Mind", pintura de Finster

JERRY - Na verdade, sempre fomos quatro. Chamamos outras pessoas quando isso foi necessário — por exemplo, para tocar ao vivo os instrumentos que eram dobrados em estúdio. E aí excursionávamos com muitos músicos.

"Eu acho o Brian às vezes muito modal, pesado"

BIZZ - *Por falar em estúdios, e o Brian Eno? Como foram os trabalhos — e os problemas — com ele?*

JERRY - As relações de trabalho com Eno são difíceis, muito sérias e reflexivas. Tudo bem, eu posso até me imaginar trabalhando de novo com ele. Mas os três discos que Brian produziu com os Heads, a partir do *More Songs...*, foram suficientes. Um quarto seria demais.

BIZZ - *E como Eno influenciou o trabalho dos Talking Heads?*

JERRY - Ele nos ensinou tudo o que diz respeito à gravação. Demos grandes passos nesse sentido — Brian tem um sentido de atmosfera incrível no estúdio. Mas houve troca, ele também aprendeu muito com a gente. Eu acho nossos dois últimos LPs muito mais claros e vivos do que os discos produzidos por ele. Se você ouvir em *compact disc* vai notar a diferença. Eu acho o Brian às vezes muito modal, pesado.

BIZZ - *No* Little Creatures *dá para notar a sonoridade pura das guitarras. É um som que ao mesmo tempo lembra algo e é muito original.*

JERRY - A guitarra é muito especial. E, desta vez, deliberadamente, não usamos sintetizadores. Isso deu naturalidade e uma grande profundidade ao som.

BIZZ - *E os trabalhos solo de todos vocês, Chris e Tina com o Tom Tom Club, os três discos do David, como se conciliam com a banda?*

JERRY - A gente termina um disco ou turnê e se pergunta: qual e quando é o novo projeto dos Talking Heads? Aí alguém diz que tem algo independente para fazer, e outro diz — então também vou fazer algo por minha conta. Ou simplesmente combinamos dar um tempo para fazer outras coisas. Eu acho isso bom.

"Vejo nos shows pessoas de quinze a quarenta anos"

BIZZ - *Como foi a mudança de público, dos universitários do início para os fãs atuais?*

JERRY - No começo era o lance do *CBGB's*, aqueles intelectuais com a vida muito regrada. Após o primeiro disco, começamos a rodar escolas e universidades, e os clubes próximos a elas, e isso nos deu abertura. Achamos nosso *feeling* tocando para platéias de até mil pessoas. Elas são a raiz do nosso público, que hoje é muito variado — vejo nos shows pessoas de 15 a 40 anos. Acho que é porque mudamos muito, sem perder o espírito de pesquisa — então conquistamos os jovens, sem perder o público antigo.

BIZZ - *Por que vocês não se apresentaram mais, depois da estréia de* Stop Making Sense *— filme e LP que registram shows de 84?*

JERRY - Não quisemos tirar o impacto do filme — tocar ao vivo no mesmo período seria como competir com nós mesmos! E esse último disco nos deixou muito ocupados no estúdio. Além disso fizemos videoclips. Fiz um deles, com direção de Jim Jarmusch. Eu trouxe as idéias, ele transformou em imagens — acho que esse vídeo traz a mesma sensação de paz de *Stranger than Paradise*, o longa-metragem que Jim também dirigiu. O David fez um outro clip, e o Chris e a Tina um terceiro. Isso é um exemplo de como a gente trabalha, às vezes em grupo, às vezes individualmente.

BIZZ - *A capa do disco também tem uma história, não?*

JERRY - Ela foi pintada por um artista visionário, o reverendo Howard Finster. Ele fez também a capa do single com "The Lady Don't Mind". São duas obras originais, encomendamos sem nunca tê-lo encontrado. Ele deve ter sonhos lindos quando pinta. Acho engraçada essa coisa bíblica, esses temas religiosos que ele aborda. Tem um livro dele que fala de pessoas viajando no espaço, ele é um cara louco.

"Não voltamos ao psicodelismo, é só descontração"

BIZZ - *E as roupas coloridas que vocês vestem na foto da contracapa seriam uma volta ao psicodelismo?*

JERRY - Nós escolhemos essas roupas porque são alegres, nos dão uma imagem mais descontraída. Não é uma volta ao psicodelismo — nenhuma faixa deste álbum é psicodélica para mim. Se você deixa de fazer uma coisa por um certo tempo, e depois retoma, as pessoas ficam surpresas, como se fosse a primeira vez. Mas você sabe que sempre fez aquilo, e faz melhor agora, se for algo verdadeiro.

BIZZ - *Existe relação entre as letras e a capa?*

JERRY - Não posso falar muito das letras, desta vez. Eu estava muito cansado e quase não escrevi. Mas acho que a coisa está mais concreta que nos discos anteriores, o som e as letras estão mais ligados. Não há relação direta com a capa... mas as pequenas frases da pintura têm, um pouco, o clima das letras do David... vai ver foi ele que pintou!!!

BEM VINDOS AO MUNDO DO DISCO!

GRUPO SIGLA

OPUS SOM LIVRE RGE

PROCURA-SE SUSAN DESESPERADAMENTE

O filme estrelado por MADONNA estréia no Brasil. Uma comédia deliciosa, segundo o diagnóstico de *Pepe Escobar*

Existe um elemento-chave na cultura pop dos anos 80: o "fator rinçagem". Trata-se da capitalização do fetiche do cabelo loiro. Descolorido progressivamente, o loiro tende ao branco. Ou seja, à dissolução de todas as contradições. É um fator WASP — *white, anglo-saxon, protestant*, ou seja, branco, anglo-saxão, protestante.

Dois de seus principais ícones são Sting e Madonna. O Apolo e a Afrodite do Olimpo pop. O "fator rinçagem" tem três componentes básicos: charme, talento e ambição. Variáveis sujeitas a oscilação. Sting tem charme. Madonna nem tanto. Sting tem talento, aliado à inteligência natural. Madonna, nem tanto. Sting, tem ambição, muita, além de um ego descomunal. Madonna, idem, ou mais. É o que basta.

Madonna é um produto perfeito da era do vídeo. Para os garotos, uma loira gostosa que todos querem na cama. Para as garotas, uma rebelde que faz o que bem entende — roupas excitantes, vida anfetamínica. Madonna foi vendida para o mundo com o clip de "Like a Virgin". Uma canção *quase* sexy, ambígua. Um visual explorando referências: a Madonna da segunda renascença singrando de gôndola os românticos canais venezianos. Roupinha cuidadosamente escolhida pelo marketing. Filmada só de baixo para cima, em grande-angular — pois é baixinha, e, de perto, feinha. O que fica impresso? O movimento, os colares e pulseiras, o cabelo loiro de pantera. Milhões de dólares na cabeça.

No fim dos anos 70, o símbolo sexual era a biondíssima Debbie Harry, a Blondie. Uma super pin-up. Mas muito transgressiva e debochada. Madonna serve melhor à indústria. É a própria "Material Girl": quer ganhar seus milhões e ser muito famosa. Só. Não ameaça ninguém.

E vêm as histórias retrospectivas. Os nus da época pré-fama, circulando no mundo inteiro em *Playboy* e

Penthouse. E seu primeiro filme, antes de virar um Rosto. Alguma surpresa teria que surgir desse pacote. O filme é simplesmente delicioso.

Desperately Seeking Susan (Procura-se Susan, Desesperadamente) é o segundo longa-metragem de uma moreninha da Filadélfia de 32 anos, Susan Seidelman (segundo ela, o nome não é mera coincidência). O primeiro, *Smithereens*, filmado em 16mm, foi exibido o ano passado na Mostra Internacional de Cinema em São Paulo. A história de uma garota na pior querendo ganhar um espaço na cena noturna nova-iorquina. Um sucesso de crítica. A partir daí, Susan pôde arrumar cinco milhões de dólares — orçamento ínfimo para os padrões americanos — e partir para uma grande aventura em 35mm e distribuição internacional.

Estouro progressivo

Por artes do marketing, o filme serviu para estourar Madonna de vez, pois saiu nos EUA em abril, logo depois do estouro progressivo de "Like a Virgin" e "Material Girl". E na Europa fechou a Quinzena dos Realizadores do Festival de Cannes, em maio, conquistando toda a imprensa internacional especializada em cinema. Para completar, dia 9 de maio, Madonna e Rosanna Arquette — esta sim, a estrela do filme — saem na capa da *Rolling Stone*. É a coroação da "Material Girl", já em excursão milionária pelos EUA.

Desperately Seeking Susan é cinema como puro jogo de aparências, além de uma homenagem à energia e efervescência da cultura pop nova-iorquina, que influencia a garotada do mundo inteiro. A figura mais apaixonante na tela é sem dúvida Rosanna Arquette, deliciosa biondinha que já apareceu na seqüência de *American Graffiti* e musa inspiradora do hit "Rosanna" do grupo Toto. Ela é Roberta, jovem esposa entediada de Nova Jersey (uma espécie de São Bernardo do Campo perto de NY). O marido é um chato. Romântica incurável, ela lê os anúncios de "corações solitários" no jornal e se inventa em uma série de aventuras.

Depois de algum tempo, começa a acompanhar as peripécias de um casal, Susan e Jim. Todas invariavelmente precedidas de uma mensagem: "Procura-se Susan, Desesperadamente". Roberta sonha que um dia um homem a procure desesperadamente. Enquanto isso, resolve espionar um encontro de Susan e Jim.

Susan é Madonna, do jeito que as garotas do mundo inteiro copiam: cabelo rinçado à la pantera, jaqueta, calça preta, botinha com strass, óculos escuros e cinco quilos de pulseiras em cada punho. Ela vive de pequenos expedientes. Acaba de romper com um gangster, do qual subtraiu um par de brincos egípcios de valor incalculável. Susan chega a Nova York para encontrar Jim, e fica sabendo que o gangster foi preso e a polícia está atrás dela. Jim também vive na correria: vai partir em excursão com sua banda, e termina confiando a proteção de Susan a um amigo projecionista (o ótimo Aidan Quinn, estrela de *Reckless*, exibido no Brasil no final do ano passado).

Loucura do cotidiano

Roberta segue Susan até uma butique. Captura sua jaqueta, que Susan acabou de trocar por uma botinha. Fica igualzinha à outra — as duas biondinhas, baixinhas e magrinhas. Mas não percebe que está sendo seguida pelo assassino do gangster, que a toma por Susan... Quando Roberta está para levar um tiro, surge o projecionista e a salva. Roberta perde sua bolsa, bate com a cabeça no chão. Quando se recupera, perdeu a noção de identidade. Conclui que é Susan, pois acha na jaqueta uma chave de *locker* de estação, onde está uma malinha com todas as tralhas da dita. E o projecionista? Ora, nunca viu Susan, só a conhece de nome, pelo amigo. Leva Roberta Susan para casa e termina se apaixonando...

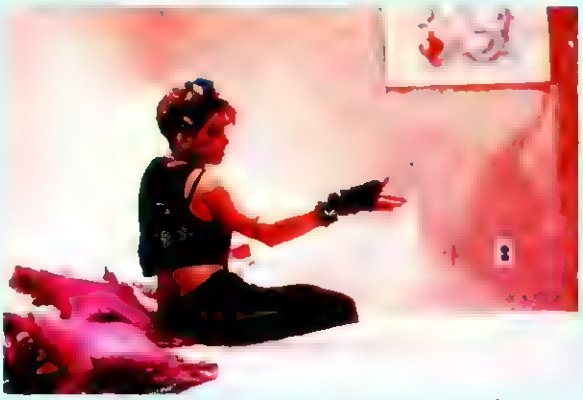
E assim Roberta começa a viver sua nova vida no *downtown* nova-iorquino. Vira assistente de um mágico de araque. Susan — a verdadeira — aparece e entra na vida do torpe marido de Roberta. O filme adquire toda a sua deliciosa dimensão contemporânea: movimento constante, a loucura do cotidiano mesclada à excitação do universo dos night clubs, nossa permanente troca de papéis e identidade, o sonho em escapar de tudo, a possibilidade da aventura, a magia do cinema, que nos faz viver histórias paralelas.

Rosanna Arquette e Aidan Quinn atuam com uma desenvoltura emocionante, e envolvem a platéia com a possibilidade de seu encontro quase impossível. Susan Seidelman solta os atores e embaralha os temas — *film noir*, drama, aventura, musical pop —, e um mix tão simbólico da época quanto suas melhores canções. E Madonna até trabalha direitinho. Olhar cínico, vocabulário cool, jeito de quem sabe se virar. Não exatamente como uma virgem. E sim como a "Material Girl". Desfilando por imagens e situações tão sedutoras, não é por acaso que milhões, em todo o mundo, andam procurando desesperadamente esta Susan de cabelo rinçado.

Foto Neal Preston/LFI

Madonna capturada em sua atual excursão

As duas Susans, desesperadamente procuradas: Madonna e Rosanna



Fotos Andy Schwartz/Fox Filmes

Outra cena: a "Material Girl", onde muita gente queria tê-la

Depois de várias continuações de Rocky, *Sylvester Stallone dá sequência à série* Rambo; *no canto superior direito, ele aparece com a atriz Julia Nickson*

MAX E RAMBO, HERÓIS DE NOSSO

No primeiro mundo costumam considerar o deserto australiano como a última fronteira da civilização. É porque não conhecem os vastos ermos do interior do Brasil... Bem, neste extremo faroeste da Oceania vive alguém que vocês conhecem — e como: Max, o Guerreiro da Estrada, para muitos o último verdadeiro herói de uma época sem valores, à beira do abismo. Cuidado, infiéis: *Mad Max 3* está chegando. Isto sim é que é heavy metal.

O deserto australiano é um lugar perfeito para Max. O fim do mundo, além da civilização, da Lei, até do presente. Max é um solitário. Escava as estradas pós-holocausto no último dos Interceptadores V8, à procura de um tanque de gasolina. Não confia em ninguém. Não tem lar. Há esperança de um futuro melhor?

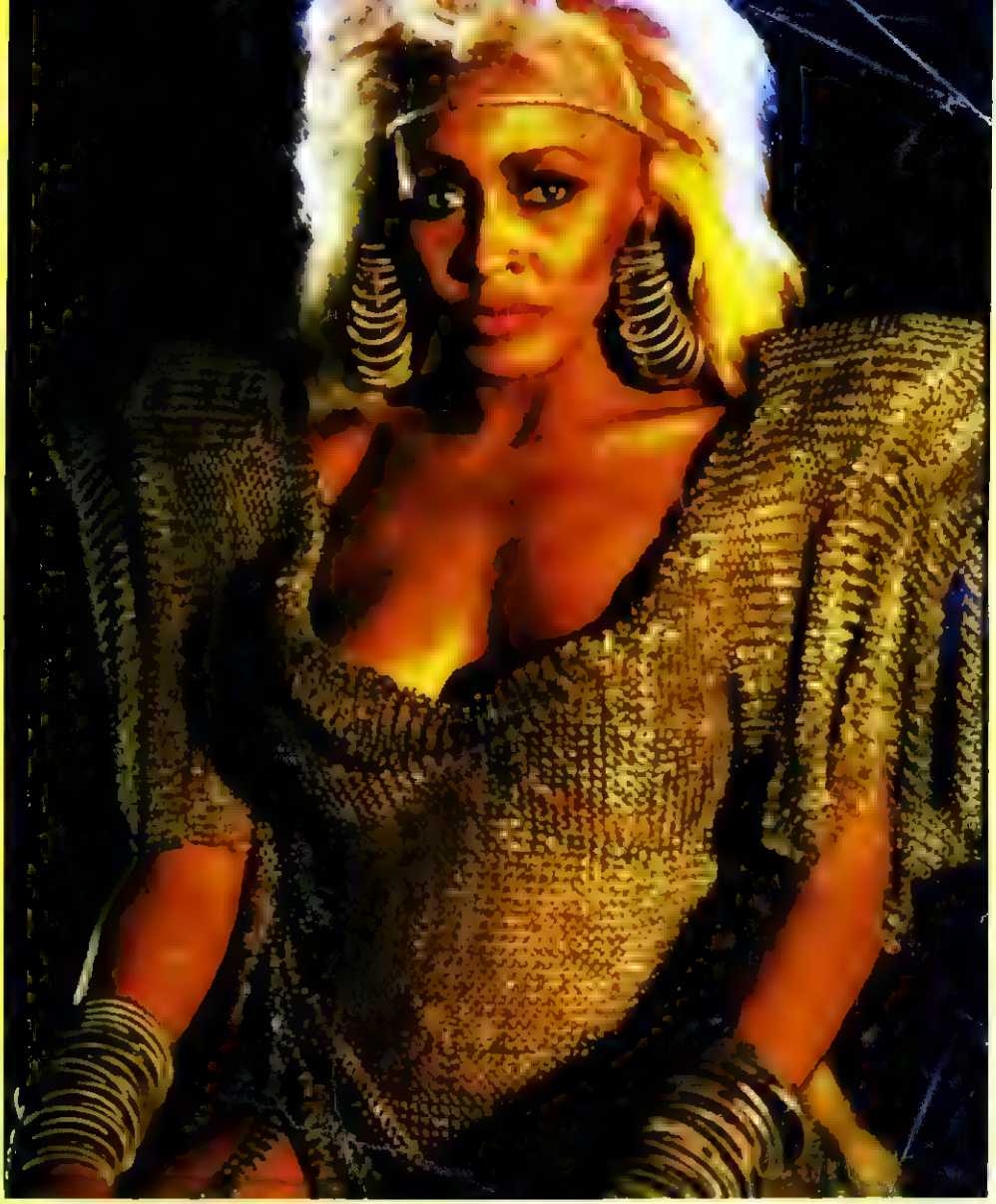
O herói, no terceiro filme da seqüência, luta por uma idéia

Por incrível — e não é — que pareça, há. A indústria do cinema descobriu que Max pode achar um sentido na vida. E assim a série pode ir ao infinito, faturando zilhões de dólares. O primeiro *Mad Max*, de 79, era um lixo niilista classe Z. Uma história de vingança. O segundo já era uma história de compaixão. No terceiro, Max luta por uma idéia.

O diretor australiano George Miller é o inventor do faroeste de tala larga. Junto com o roteirista Terry Hayes, eles deliram em progressão geométrica. A cada nova aventura de Max, a atmosfera pós-atômica é mais degradada, os carros muito mais estapafúrdios, os personagens muito mais malucos, as seqüências de ação muito mais vertiginosas e o roteiro muito mais elaborado. E, claro, Mel Gibson muito mais mitificado como um dos Super-Tótens dos anos 80.

Sylvester Stallone, o Rambo, é um bruto. Harrison Ford, o Indiana Jo-

Fotos Fox Filmes



Tina Turner é "A Entidade" no novo filme da série Mad Max

Foto EMI

TEMPO

nes, o romance das mocinhas. Mel Gibson, o Max, é um super-herói.

Mad Max 3 tem 52 garotinhos do deserto, um anão, um gigante, uma gangue de moicanos em cima de veículos inimagináveis, uma rainha do Mal (Tina Turner — entupida de strass empoeirado) e um general (o metaleiro australiano Andry Anderson). Max quer salvar os garotos. Tina, dita "A Entidade", quer construir um império. O filme tem uma moral. Uma espécie de humanismo heavy metal. Os manipuladores da indústria do cinema sabem que só violência não dá. Max percebe que não é um tanque de gasolina: é um homem.

Com *Rambo*, o negócio é pancadaria mesmo. Sylvester Stallone — o canastrão que Victor Mature, o Maciste, não conseguiu ser —, cansou de levar porrada no ringue como Rocky e se alistou no exército americano. Foi parar no Vietnã. Só pela força do muque e uma metralhadora caindo aos pedaços, massacra os miseráveis vietcongues e resgata uma série de prisioneiros de guerra. O filme *Rambo 2* é sucesso absoluto nos EUA, até agora a maior bilheteria de 85. As platéias pulam da cadeira quando Rambo ganha a guerra que todo o complexo militar industrial americano perdeu. Esta safadíssima releitura do desastre do Vietnã prova que a psique *made in USA* jamais vai engolir seu monumental despreparo — o início da decadência do império. Coppola — no endemoniado *Apocalypse Now* — mostrou a verdadeira guerra do Vietnã: uma gigantesca *bad trip* lisérgica para centenas de milhares de jovens perdidos no espaço. Os americanos esqueceram. Rambo é que é: vai lá e esmaga os vermelhos. A série vai prosseguir. Uma questão de lógica de mercado. O faroeste do fim de século é jogado em cenários reais — o deserto, a selva. Quando o filão acabar — e Rambo tiver despedaçado o último dos moicanos, digo, vietnamitas — vai terminar no depósito inevitável dos veteranos de guerra. Já podemos enxergá-lo em um futuro próximo, suando como dublê de efeitos especiais na filmagem de *Mad Max 25*. Cada império tem os heróis que merece.

Rambo II é até agora a maior bilheteria de 85 nos Estados Unidos

P.E.

GODLEY E CREME

Foto Ebet Roberts

Godley (de barba) e Creme inventando clips

A mais premiada dupla de diretores de clips trabalha como se jogasse tênis

Você pode nunca ter ouvido falar de Kevin Godley e Lol Creme. Mas se a sua telinha caseira já tiver cuspido imagens de clips como "Every Breath You Take", do Police, "Rockit", de Herbie Hancock, "Girls On Film", do Duran Duran, "Two Tribes", do Frankie Goes to Hollywood e "Forever Man", de Eric Clapton, pode acreditar que Godley e Creme são velhos conhecidos seus.

É que esta inseparável dupla inglesa criou e dirigiu todos esses e mais alguns dos mais influentes e premiados clips de toda a videografia do rock. E para quem admite, como Creme, que os clips são "basicamente um instrumento de *marketing*", eles até que se saem muito melhor do que a encomenda. Ao invés de bombardearem nossos olhos com frenesis de edição, clichês surrados (Damas Fatais, bombas de fumaça, vidros quebrando) e historinhas insossas, G&C preferem "criar uma atmosfera que complemente a narrativa da música". O que eles criam é uma sucessão de imagens tão fortes quanto elegantes, tão harmonicamente casadas à música que torna-se quase impossível crer que os sons não foram produzidos com aquelas imagens específicas em mente.

Os dois desenvolveram aptidões visuais tocando em uma banda

A isso chama-se estilo. E por causa desse estilo Godley e Creme são hoje dois dos mais premiados e cortejados diretores de vídeo. Sua coleção de prêmios inclui o Leão de Prata de Cannes, por um comercial feito em 1979 para os jeans Wrangler, o Grammy para melhor vídeo curto, por "Girls On Film" e o prêmio de melhor cinematografia, por "Every Breath You Take". Este último é apenas um naco da avalanche de troféus que G&C receberam da MTV na escolha dos melhores vídeos do ano passado. Godley e Creme arrebataram ainda os prêmios de melhor vídeo conceitual, melhores efeitos especiais, melhor direção de arte e vídeo mais experimental, todos por causa de "Rockit", clip de Herbie Hancock habitado exclusivamente por robôs movidos a ar comprimido (Herbie somente aparece numa tela de TV do cenário).

O que torna Godley e Creme tão especiais é a combinação de suas experiências conjuntas, uma convivência iniciada na infância, em Manchester, Inglaterra. Adolescentes, os dois começaram a fazer filmes em 8 mm e matricularam-se em cursos de artes gráficas. Mas a música que faziam em conjuntinhos da escola acabou falando mais alto e eles formaram o 10cc (o nome representa a quantidade média de esperma expelida durante a ejaculação).

A carreira do 10cc foi curta — durou menos de quatro anos — mas produtiva. Curiosamente, no grupo Godley e Creme conseguiram desenvolver suas aptidões visuais — através de letras e sons que evocavam imagens cinematográficas e através de clips seminais (sem trocadilhos!). Mas em 1976, logo depois de atingir o auge de seu sucesso com a música "I'm Not In Love", o 10cc foi extinto.

Isso deixou Godley e Creme livres para se dedicarem exclusivamente às imagens.

Ajudados pelo fato de também serem músicos — e, portanto, habilitados a falar com seus "clipáveis" de igual para igual — Godley e Creme passaram a ser cada vez mais requisitados por gravadoras e artistas e, em pouco tempo, eram estrelas tão famosas quanto as que dirigiam.

Seus melhores trabalhos — e os mais conhecidos — nasceram de colaborações com o Duran Duran e o Police.

Para o Duran Duran, a dupla

O chiquíssimo Sting e seu baixo de pau em "Every Breath you Take", uma brilhante aula de elegância e competência cinematográfica — tudo em branco e preto, explorando

criou aquele que provavelmente é o vídeo mais sensual (sexual?) de todos os tempos, "Girls On Film". Nele o Duran Duran toca ao lado de um ringue de box iluminado como para um desfile de moda. Neste ringue, aparecerão belas (deliciosas?) modelos seminuas que entregam-se com total abandono a sessões de luta-livre na lama e eróticas brigas de travesseiro sobre uma barra de ginástica recoberta de creme chantilly.

"Every Breath You Take", do Police, já é outro departamento. É uma aula de elegância e competência cinematográfica — todo em preto e branco, o clip explora o carisma de Sting e os poucos elementos de um cenário econômico com tomadas longas, sinuosas, bem compostas e montadas numa edição l-e-n-t-a, classuda.

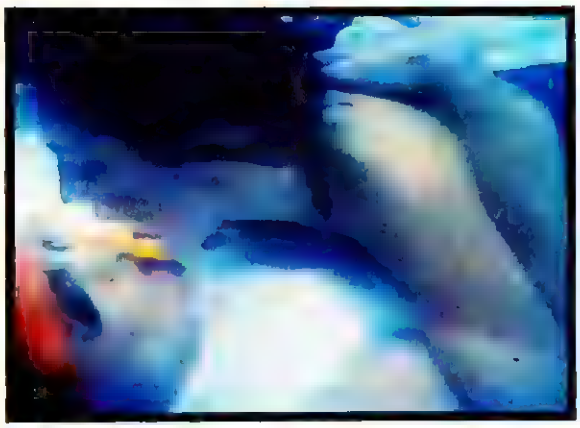
"Usamos um ao outro como um trampolim", explica Godley." Um de nós tem uma idéia, joga para o outro e o outro devolve e assim por diante."

"É como um jogo de tênis", conclui. "Só que a idéia tem que estar perfeita no final da partida."

Num cenário meio Blade Runner, *Sting canta Synchronicity*

CLIPOGRAFIA SELECIONADA

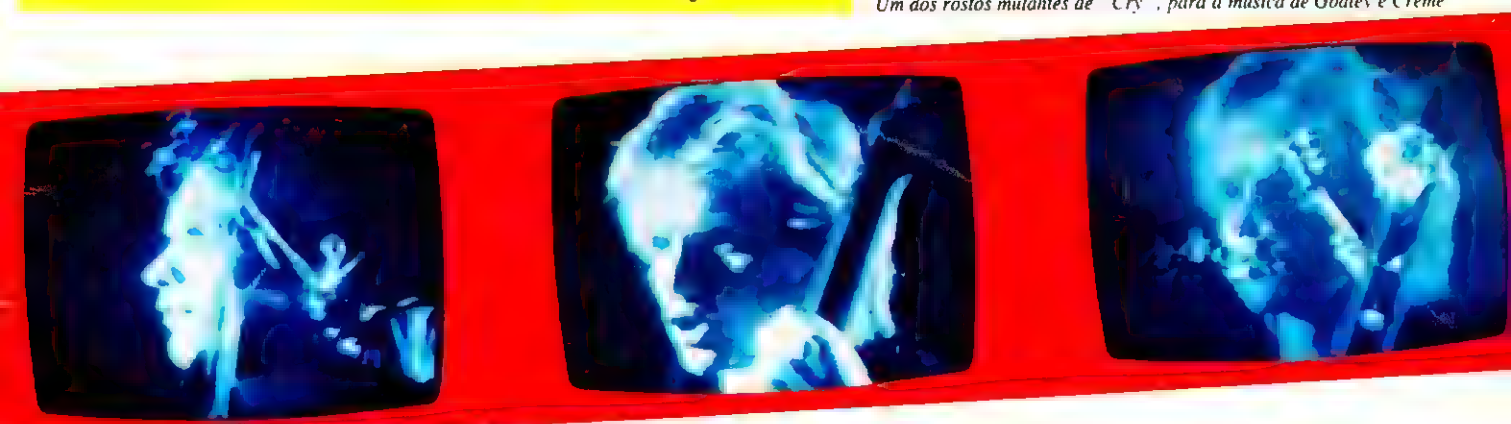
1980: "Englishman in New York" (Godley e Creme)
"Wide Boy" (Godley e Creme)
1981: "I Want to be Free" (Toyah)
"The Cooler" (três faixas do LP de Ringo Starr)
"Fade to Grey" (Visage)
"Mind of a Toy" (Visage)
"Girls on Film" (Duran Duran)
"Something Bout You Baby" (Status Quo)
1982: "Temporary Beauty" (Graham Parker)
"Wedding Bells" (Godley e Creme)
"Only Time Will Tell" (Asia)
"In the Heat of the Moment" (Asia)
"Thunder in the Mountains" (Toyah)
"I Want to be Free" (Toyah)
"Weakness in Me" (Joan Armatrading)
"When I Get it Right" (Joan Armatrading)
1983: "Leave it" (Yes)
"Feel the Love" (10cc)
"Victims" (Culture Club)
"Kiss the Bride" (Elton John)
"Forbidden Colours" (David Sylvian)
"Synchronicity" (curto, Police)
"Synchronicity, the Concert" (vídeo longo, Police)
"Wrapped Around Your Finger" (Police)
"Every Breath You Take" (Police)
"Rockit" (Herbie Hancock)
"Autodrive" (Herbie Hancock)
"Save Me a Mountain" (Godley e Creme)
1984: "Power of Love" (Frankie Goes to Hollywood)
"Two Tribes" (Frankie Goes to Hollywood)
"Golden Boy" (Godley e Creme)
1985: "Forever Man" (Eric Clapton)
"We Close Our Eyes" (Eric Clapton)
"Cry" (Godley e Creme)
"A View to a Kill" (Duran Duran)
"Life in a Day" (Howard Jones)
"If You Love Somebody Set them Free" (Sting)



"Girls on Film", um clip sensual para os Duran Duran

Fotos Angelo Pastorello

Um dos rostos mutantes de "Cry", para a música de Godley e Creme



um cenário econômico com tomadas longas, bem compostas, numa edição classuda

Imagem cedida pelo 2001, Uma Odisséia em Vídeo

Foto Cláudia Dantas

Luiz Antonio Mello

RECEITA DE UMA RÁDIO DE ROCK

Montar uma emissora de rock é um pouco mais complicado do que ter uma meia dúzia de bons discos em casa, prontos para serem arremessados de um transmissor qualquer de um morro desses aí.

Mas fazer uma estação de rock envolve, basicamente, conhecimento, intuição e técnica em doses aritméticas. Não adianta possuir um desses elementos sem os outros. Só conhecimento musical não define se esta voz é melhor do que aquela para um programa. A intuição, por si só, provoca tolices e conduz à asneira, enquanto que a técnica, pura e simples, burocratiza até a mais tênue estupidez.

Uma rádio de rock que se preze não possui o chamado "listão", o que significa programação permanentemente renovada e dinâmica.

No Brasil, uma terra onde os conceitos sobre rock vão de um pólo ao outro como se tivessem ido ali comprar cigarros, construir uma estação específica significa esbarrar numa quantidade enorme de problemas. O mercado tem muito medo do rock, muito mesmo. A causa aparente é simples: rock exige conhecimento de causa e não só de números. O sujeito que está lá programando a última faixa do lado B de um disco irlandês tem de demonstrar firmeza e segurança, enquanto que no outro lado do mundo o publicitário responsável pela distribuição de uma determinada verba tem de entender de comportamento, música e excentricidades em geral para enfiar a tal emissora nos planos. Normalmente batido pela preguiça, ele desloca a verba para uma emissora de perfil mais fácil, mesmo que o retorno seja comprovadamente menor. É incrível, mas há produtos no mercado com nomes extraídos do rock que não são anunciados em rádio de rock. É incrível e triste.

Murros em ponta de faca estão no cardápio diário do profissional de uma estação de rock. Ele tem de conviver com uma gama enorme de misturas de ritmos e tendências musicais e com uma certa histeria internacional dos ouvintes. Os ouvintes formam feudos ou ilhotas de estilos e defendem aquilo como se fossem cisternas no Saara. Quando não ouvem um metaleiro, um vanguardeiro, um "sulisteiro" (de rock sulista), telefonam, escrevem e caem de pau. Como é impossível atender a todo reinado, a pancadaria reina.

Mil a zero

Reina infinita e bela, pois o mais espetacular de uma estação de rock é a resposta de seus ouvintes. Eles reclamam de pronúncia errada, faixa trocada, hora misturada, mas estão sempre ali, cravados no *dial*, participando. Acima de tudo, conhecem cada milímetro do que estão ouvindo e são incapazes de engolir qualquer tipo de forçação de barra, parta de onde partir.

As compensações são muitas e dão de mil a zero nas dificuldades. Especialmente porque quem faz rádio de rock sabe que está lidando com uma música que pulsa sem precisar *dizer* que pulsa e com uma audiência que detesta firulas, abomina a mediocridade de um linguajar bordado de gírias forçadas e não gosta que ninguém diga "dance", "pule", "ei, que festa, isso tudo é rock'n'roll". A audiência quer uma rádio bem feita. Rápida, objetiva, simples, sem essa de "eu sou mais eu, porque sei que David Bowie já foi um andrógino e você não". E o maior segredo de quem faz rádio de rock não é deter a maior discoteca do mundo, mas saber conjugar matéria industrial com pensamento, idéia.

Se mexer com rock já é bom, lidar com rádio de rock é melhor ainda. A impressão que temos ao colocar uma música no ar é de que nossas emoções estão sendo democraticamente divididas entre pessoas altamente intuitivas. O *feedback* é cheio de malícia e a grande vedete nesse tipo de emissora é e sempre será a música. Exemplo: a Eldo Pop, do Rio, já extinta, ficou no ar durante alguns anos *sem locução*. Os ouvintes tinham de partir para exercícios de pesquisa intermináveis para saberem o que estavam ouvindo.

Sem vedetismos e com muita verdade para dizer, uma rádio de rock não surge, chega; não morre, some. Ela lida com um gênero artístico forte, que mistura um monte de situações que transcendem a música, seguindo a trilha do rock. Ela deve chutar os modismos, procurar não opinar e tentar, sempre, não se defender com falsas delongas. Enfim, fazer uma rádio de rock está diretamente ligado ao bom senso profissional. Profissional com "P" maiúsculo.

LUIZ ANTONIO MELLO, 30 anos, é um dos fundadores da Fluminense-FM. Atualmente colabora para o Jornal do Brasil, o Planeta Diário e as revistas Playboy e Somtrês.

Não se deprima.

Briansk é uma cidade da Rússia às margens do Desna.
Shapandu também é uma cidade e fica na Birmânia.
Se você conhecia algumas destas cidades, ligue-se mais na Cidade.
Largue das coisas inúteis e module a sua freqüência.
Porque a vida é como dizia o venerável mestre Adub:
Airefirep an uo edadic an acif êcov uo.

VS ESCALA

RADIO CIDADE
A MAIS FM DE TODAS

LOS LOBOS

O que acontece quando o rockabilly cai em mãos e instrumentos mexicanos

Foto A. Rapport/Spa Press

Los Lobos: longe dos padrões de beleza dos pop stars

De *pop stars* eles não têm cara — gorduchos, atarracados, sentem-se mais confortáveis numa barbicha do que sob uma camadinha de *pancake*. E os instrumentos que usam! Um guitarron (um baixão de 12 cordas que lembra um violão hipertrofiado), o bajo sexto (parecido com o guitarron, mas com seis cordas) e o acordeon! Pois acontece que estes sujeitos rigorosamente fora da moda e fiéis a seus instrumentos tradicionais são a coisa mais sensacional a ter surgido no rock norte-americano nos últimos anos. São Los Lobos, um quarteto chicano (americanos de ascendência mexicana) que mistura rockabilly, Tex-Mex (a música fronteiriça do sul dos Estados Unidos), swing, bop, blues, R&B e música folk mexicana, conseguindo assim uma miscigenação musical tão rara quanto instigante. E irremediavelmente dançável.

Inédito no Brasil, o grupo existe há doze anos e mantém 4/5 de sua formação original (Louie Pérez, bateria; Conrad Lonzano, baixo; Cesar Rojas, bajo sexto, guitarra e vocais; David Hidalgo, guitarra, acordeon e vocais). Embora inicialmente puristas, aos poucos os Lobos foram adicionando instrumentos elétricos a seu arsenal e incorporando rocks a seu repertório (até "Purple Haze", de Hendrix, entrou na jogada). No processo, foram contratados pela gravadora Slash — que lançou o EP *...And a Time to Dance* e o LP *How Will the Wolf Survive?* —, ganharam um saxofonista (Steve Berlin, ex-Blasters), ampliaram seu público e foram abençoados com a veneração irrestrita da crítica mundial.

Através dos anos, porém, a qualidade miscigenada da música dos Lobos permaneceu inalterada — intriga, emociona, balança, faz suar e dá uma vontade enorme de dançar.

Os cordeiros do rock que se cuidem, porque os Lobos não são de brincadeira. *J.E.R.*

Foto LFI

"Irmãs da Piedade": gótico ou psicodélico?

SISTERS OF MERCY

Um Conselho de Magos ou "uma banda heavy metal"? *Pepe Escobar* pesa as hipóteses

First and Last and Always, o primeiro LP das "Irmãs da Piedade", lançado na Inglaterra em março de 85, é um dos maiores golpes de misericórdia na letargia da música popular internacional. A missa negra que completa os delírios expressionistas do Bauhaus e a demência elétrica das *garage bands* americanas.

Duas guitarras picando a garganta — Waiyne Mussey e Gary Marx. Um baixo climático — Craig Adams. A voz no limite do gutural — Andrew Eldridge. E a bateria eletrônica, ser invisível, magma percussivo vindo do espaço — Doktor Avalanche.

Todos de negro, cabelos compridos, óculos escuros. 18 de junho de 85, no venerável Royal Albert Hall, em Londres. Nos últimos dois anos, as mais significativas bandas do mundo tocaram aqui — Echo and the Bunnymen, Siouxsie and the Banshees, Smiths. A confraria *dark* enverga o negro de gala para recepcionar os Sisters. Ondas de fumaça branca. Ondas de *spotlights* configurando um sonho expressionista. É o teatro mágico descrito por Hesse em *O Lobo da Estepe*. Um som indefinível. Pode ser neogótico. Pode ser neopsicodélico. Os Sister já se definiram como uma banda heavy metal... Pode ser o último eletrotiroteio entre o grunhido e a distorção.

Abrem seu show com uma fita de "Kashmir", do Led Zeppelin. Tocam sempre sua versão definitiva de "Gimme Shelter", capaz de enviar calafrios pelos corpinhos de Jagger e Richards. Soltaram cinco compactos antes do LP, verdadeiros itens de colecionador: fundo preto, o símbolo do rosto e da estrela, tipologia sucessivamente em lilás, verde, azul, dourado e vermelho. O tape pirata, gravado direto da mesa, de um show inglês em maio, é ainda melhor do que o LP oficial. Gravam pela Merciful Release, uma independente, com distribuição pela WEA. Agora, a multi lhes abre as portas do mercado mundial. Na tribo *dark* européia, são venerados como um Conselho de Magos. É um vício. Sisters of Mercy, depois do primeiro ritual, é a hóstia negra no abismo de cada noite branca.

AKIRA S & AS GAROTAS QUE ERRARAM

Nem populares, nem eruditos — eles fogem dos rótulos. *Bia Abramo* dá o histórico

Foto Rui Mendes

Da esquerda: Edson, Ruth, Pedreira, Corina e Akira

Uma banda com dois baixos e nenhuma guitarra. O vocalista berra, guincha, aciona um tape-deck e até desce do palco. Em uma música tocam três instrumentistas, na seguinte podem ser seis ou mais.

Há menos de um ano, quando Akira S e o vocalista e letrista Pedreira Antunes se conheceram, estavam com idéias muito próximas sobre música. Akira toca baixo desde 77, estudou piano, música erudita e eletroacústica, tocou samba, jazz, tecnopop. A única experiência de Pedreira em fazer música tinha sido uma banda bastante falada mas pouco ouvida, N.º 2. Apesar da disparidade de formação e experiências, as idéias de ambos giravam em torno da utilização de tapes e, eventualmente, dois baixos. "Sem vícios guitarrísticos", segundo Akira. Edson X, baterista há seis anos, foi chamado em caráter provisório para a primeira apresentação (outubro de 84) e está lá até hoje.

O nome da banda foi pensado para o duo — sim, Akira S era o Akira, que nem é S, mas Tsukimoto, e "as Garotas que Erraram", no feminino e no plural, era o Pedreira Antunes. Mas tal nome revelou-se profético, e vieram as garotas propriamente ditas: uma baixista iniciante, também ex-N.º 2, Anna Ruth, nos teclados, e a mais nova aquisição da banda, Corina, que tocou piano na tenra infância e cantou em um grupo quando morava na Inglaterra. Bem, até agora elas não erraram.

"Tento aproveitar tudo que sei", diz Akira. "Tudo" é uma vasta gama, que vai dos eruditos contemporâneos à discothèque, detendo-se no rock e no funk, sem deixar o velho e execrado samba de lado: Akira vaticina que vai fazer com o samba o que aconteceu com o funk — "uma música de gueto que se universalizou", nas palavras de Pedreira. É ele quem expressa a intenção teórica da banda: "Botar em curto-circuito os procedimentos do pop, quer os musicais, quer as letras, quer as performances de palco".

Foto Rui Mendes

Da esquerda: Rosália, Lou, Ana e Sandra

MERCENÁRIAS

Uma banda só de mulheres, com três anos de estrada. Quem investiga é *Sônia Maia*

Direto ao assunto. As Mercenárias são uma banda feminina que estreou há três anos, com um show-relâmpago de quatro músicas em um bar de São Paulo chamado Rosa Proibida. Visual inicial: roupas pretas e rústicas, punks sem adereços nem tintura nos cabelos. "Procurávamos engordar e enfeiar ao máximo, para que as pessoas vissem trabalho e competência em vez de menininhas bonitinhas", conta Sandra, baixo e backing vocal.

Tudo começou quando a vocalista Rosália apareceu com uma letra em inglês ("Trashland"). Com instrumentos emprestados, um amplificador "podre" e uma guitarra que desafinava a cada acorde tocado por Ana, resolveram fazer um trabalho sem influências além do mais cru minimalismo.

Cada música não costuma durar mais de dois minutos e seus arranjos compactos — alinhavados pelos backing vocals de Ana e Sandra — não têm lugar para firulas que ultrapassem fragmentações rítmicas.

No princípio, faltava a bateria. Edgard, guitarrista do Ira!, gostou tanto do som delas que se propôs a, provisoriamente, assumir a função. E assim, com um pandeiro preso a um banquinho (no papel de "caixa"), Edgard ainda chutava o que estivesse pela frente — no papel de "bumbo". Os pratos ficavam por conta do corrimão da escada. "Ai, que engraçado, eu não sabia disso", comenta Lou, a atual baterista. Antes ela era talvez a fã nº 1 das Mercenárias. Quando as viu pela primeira vez, disse: "Vou comprar uma bateria e esta será a minha banda".

Apesar das variações de uma canção para outra e das longas saias que hoje substituem os negros trapos, as Mercenárias continuam "punks" para o batalhão de ouvidos desinformados. Isso talvez explique o inexplicável: três anos de estrada e evolução constante sem nenhum compacto gravado. Sandra é quem sabe: "O produtor de uma gravadora disse, já faz um tempo, que o Brasil só estaria preparado para músicas como 'Honra' daqui a uns cinco anos. Mas aí já perdeu a graça, nós nem tocamos mais essa música".

ULTRAJE A RIGOR

NÓS VAMOS INVADIR SUA PRAIA

E7
Daqui do morro dá pra ver tão legal
o que acontece aí no seu litoral
A7
nós gostamos de tudo, nós queremos é mais
E7
do alto da cidade até a beira do cais
B7 A7
mais do que um bom bronzeado
E7
nós queremos estar do seu lado
E7
Nós tamos entrando sem óleo nem creme
precisando a gente se espreme
A7
trazendo a farofa e a galinha
E7
levando também a vitrolinha
B7 A7
separa um lugar nessa areia
E7
nós vamos chacoalhar a sua aldeia

E7
Mistura sua laia
ou foge da raia
sai da tocaia
pula na baia
C B7 E7
agora nós vamos invadir sua praia

E7
Agora se você vai se incomodar
então é melhor se mudar
A7
não adianta nem nos desprezar
E7
se a gente acostumar a gente vai ficar
B7 A7
a gente tá querendo variar
E7
e a sua praia vem bem a calhar

E7
Não precisa ficar nervoso
pode ser que você ache gostoso
A7
ficar em companhia tão saudável
E7
pode até lhe ser bastante recomendável
B7 A7
a gente pode te cutucar
E7
não tenha medo, não vai machucar

Semibreve	𝅝	4 tempos	Semicolcheia	𝅘𝅥𝅯	1/4 tempo
Mínima	𝅗𝅥	2 tempos	Fusa	𝅘𝅥𝅯𝅘𝅥𝅯	1/8 tempo
Semínima	♩	1 tempo			
Colcheia	♪	1/2 tempo	Semifusa	𝅘𝅥𝅯𝅘𝅥𝅯𝅘𝅥𝅯	1/16 tempo

Antigamente a escala musical começava pela nota *lá*. Na convenção usada nestas cifras, a letra A corresponde ao *lá* e assim sucessivamente

A = lá
B = si
C = dó
D = ré
E = mi
F = fá
G = sol

M = maior
m = menor
♯ = sustenido
♭ = bemol
‖:‖ = sinais de repetição
Repita o que estiver entre estes dois sinais

GUIA PARA O BATERISTA

	TECLADO	GUITARRA	BAIXO
E^7 = MiM^7			
A^7 = LaM^7			
B^7 = SiM^7			
C = DoM			

Escreva para a redação e envie sugestões de músicas que você gostaria de tocar

- MÉDICO OU TÉCNICO EM COMPUTAÇÃO?
- PSICÓLOGA OU JORNALISTA?

Certificado de Autorização do Ministério da Fazenda nº 01/00/091/85

DECIDA COM O GUIA DO ESTUDANTE: TUDO SOBRE 168 CURSOS E PROFISSÕES

Para acabar com a insegurança na escolha da profissão, Guia do Estudante traz 168 profissões com todas as informações que você levava meses para conseguir:

- definição detalhada do que é cada uma delas;
- qual a habilitação;
- a duração do curso;
- o currículo mínimo;
- o campo de atuação;
- as especializações;
- as instituições de ensino que ministram cada curso em todo o Brasil;
- o depoimento de um profissional da área.

E mais:
Novos cursos técnicos, as melhores faculdades do país, como obter bolsas de estudo aqui e no exterior, cursos de pós-graduação e estágios, 14 perguntas fundamentais sobre orientação vocacional e o que pensa o estudante de hoje.

Guia do Estudante. A escolha segura.

LETRAS

B52's

LEGAL TENDER

We're in the basement, learning to print
All of it's hot!
10-20-30 million ready to be spent
We re stackin'em against the wall
Those gangster presidents

Livin' simple and trying to get by
But honey, prices have shot through the sky
So I fixed up the basement with
what I was a-workin' with
Stocked it full of jelly jars
and heavy equipment
We're in the basement...
10-20-30 million dollars
Ready to be spent

Walk into the bank, try to pass that trash
Teller sees and says "uh-huh — that's fresh as grass"
See the street pass under your feet
In time to buy the latest model get-away jeep

So I fixed up the basement with
what I was a-workin' with
Stocked it full of jelly jars
and heavy equipment
We're in the basement,
learning to print
All of it's hot
All counterfeit

LEGAL TENDER*

Estamos no porão, aprendendo a imprimir
É tudo quente!
10-20-30 milhões prontos para gastar
Estamos empilhando contra a parede
Aqueles presidentes gangsters

Vivendo com simplicidade e tentando ir levando
Mas, meu bem, os preços decolaram até o céu
Por isso eu arrumei o porão
com o material com que estava trabalhando
Um estoque de vidros de geléia e equipamento pesado
Estamos no porão...
10-20-30 milhões
Prontos para gastar

Entrando no banco, tentando passar esse lixo
O caixa vê e diz "ah-hã — isso está novinho em folha"
Veja a rua passar sob seus pés
A tempo de comprar o último modelo
de jipe para fugir

Por isso eu arrumei o porão
com o material com que estava trabalhando
Todo estocado com vidros de geléia
e equipamento pesado
Estamos no porão,
aprendendo a imprimir
É tudo quente
Tudo falsificado

*** Literalmente, algo como "papel legal". A expressão vem impressa nas notas de dólar**

Stamp

T-SHIRTS

ESTAMPAS EXCLUSIVAS

Reembolso Postal
Entrega rápida

GRÁTIS

OFERTA
Na compra de cinco camisetas, ganhe uma à sua escolha.

Este adesivo dentro de cada embalagem.

REF. 201 Cor: az, vd
REF. 202 Cor: br
REF. 203 Cor: az, vd
REF. 204 Cor: br
REF. 205 Cor: az, vd
REF. 206 Cor: az, vd, br
REF. 207 Cor: br, az, pr, vd
REF. 208 Cor: br, az, vd
REF. 209 Cor: vd, br, az
REF. 210 Cor: br, pr, az
REF. 211 Cor: vm, vd, az, br
REF. 212 Cor: vm, vd, az
REF. 213 Cor: az, vd
REF. 214 Cor: br
REF. 215 Cor: vd, az
REF. 216 Cor: br, pr
REF. 217 Cor: pr
REF. 218 Cor: pr
REF. 219 Cor: br
REF. 220 Cor: az, vd, br
REF. 221 Cor: br
REF. 222 Cor: vd
REF. 223 Cor: BR

Preencha corretamente: referência, cor da camiseta, tamanho (P, M ou G) 100% algodão

REF	COR	TAM	REF	COR	TAM

B22 02

Nome .....
End .....
Cidade .....
Est. ..... CEP ..

Envie este cupom ou xerox para Stamp
Rua Embaixador João Neves da Fontoura, 198
CEP 02013 - São Paulo - SP

DESCONTO

Enviando cheque nominal à Stamp, ganhe 10% de desconto no valor total de seu pedido (qualquer quantidade). Preencha o cheque já com o desconto calculado.

ÓRGÃO SPARK 4000

Antes desta compra, é importante que se saiba o que o músico ou o iniciante quer deste órgão eletrônico. Se o uso for para a realidade (que chega rapidamente ao nosso país) da era digital, do som computadorizado, enfim, da vanguarda sonora, não é o indicado. Mas se os objetivos forem bailes, casamentos, festinhas, ou até para quem quer se iniciar na música, ou fazer um som no final do expediente de trabalho, em sua casa, ao lado de um bom scotch, teremos um instrumento até certo ponto surpreendente.

O que mais chamou a atenção foi sua bateria eletrônica, com uma grande variedade de ritmos, 24, muito boa, especialmente para quem já curtiu os bailes ao som de Ray Coniff. Seu manejo é extremamente simples, pois seus registros estão em boa posição, facilitando a troca de ritmos durante a execução.

Os registros são de flutes (flautas) 16', 8', 4', 2', reeds (sopros) 16', 8', strings (cordas) 4', no teclado superior, e no inferior flutes 8' -4', reeds 8' e strings 4', porém seu catálogo é bem mais generoso dizendo que o músico terá, com perfeição, tais instrumentos. Não é bem assim

O SP 2000 também tem memoria e ela é usada principalmente para o iniciante. Você registra o acorde e ele passa a transpor. Basta um toque em uma só nota. Isto é muito bom, principalmente quando se quer usar a mão para outra coisa, cumprimentar alguém, coçar a cabeça etc. etc

Seu preço é acessível e com algumas facilidades na forma de pagamento.

Temos que entender, porém, que com o avanço do som eletrônico em países como o Japão e EUA, fica impossível qualquer comparação, mas levando em consideração que é feito e montado aqui, e tem mercado específico, passa a ser um instrumento viável ao seu público. *E.M*

[illegible]

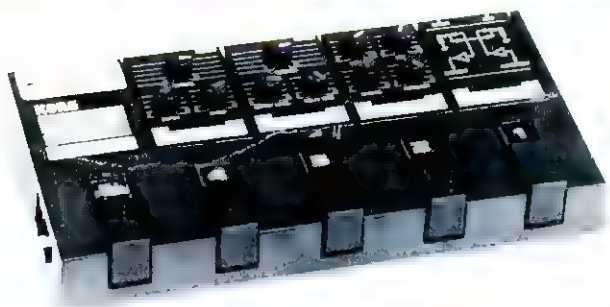
VIDEOCASSETE SONY SL-30MD

O tentáculo brasileiro do velho império de Akio Morita engrenou marcha pesada para ultrapassar as dificuldades que rondam o mercado local de equipamentos de áudio e vídeo. Finalmente estabelecida sob o guarda-chuva de incentivos da Zona Franca de Manaus, a Sony colocará nos principais magazines do país, a partir de setembro, seu novo modelo de videocassete formato Betamax, batizado SL-30MD.

Terceira geração de VCR nacionalizado da companhia, o aparelho já podia ser encontrado em Manaus no final do primeiro semestre por exatos US$ 636 — abaixo portanto dos mais de US$ 1 mil cobrados pelas primeiras unidades brasileiras há cerca de dois anos. Mas o consumidor comum — aquele que não se deslocaria até Manaus em busca de um único novo *feature* doméstico — vai pagar mais caro. É bom lembrar que o antecessor do aparelho, o SL-5000, já batia a campainha dos Cr$ 11 milhões, no balcão da loja, em julho.

Além do belo design *slim*, o SL-30 reúne boas características como controle remoto sem fio para todas as funções, rebobinamento automático de fita e timer para até seis gravações automáticas ao longo de sete dias. O que deixa qualquer provável proprietário de videocassete babando, porém ainda não chegou às máquinas nacionais, é o som estéreo. Por enquanto, o vídeo continua perneta. E deve permanecer assim, pelo menos a médio prazo. Apesar de todas as lágrimas. *M.B.*

Maurício Bonas é editor-assistente da "Folha Informática"



COMPUTADOR RÍTMICO KORG

Existem pelo menos dois tipos principais de computadores rítmicos: os extensamente programáveis como a Linn Drum e os pré-programados nos quais se inclui o KR 55B.

Os ritmos do KR 55B chegam a 96 opções diferentes, sem contar possíveis combinações não indicadas pelo fabricante. Cada instrumento tem seu controle de volume próprio, o que facilita mudanças no colorido sonoro de cada padrão rítmico. Os instrumentos são: bumbo, caixa, prato, chimbau, tom-tom/conga, *rim shot*, sino-de-vaca, *claves*. Outros controles que permitem variar a marcação rítmica são: *fill-in*, variação de jazz (extensível a outros ritmos, com intensidade gradual), tempo e volume.

No painel traseiro, há entradas para pedais de controle de partida de ritmo e *fill-in*, saída de *trigger* e seletor de sinal alto ou baixo.

Este computador rítmico serve principalmente para músicos que se apresentem desacompanhados, como organistas. Contudo, seu número de controles o coloca como uma escolha interessante para bandas de rock, especialmente se seus sons forem processados através de pedais de efeito.

Mesmo sendo um equipamento convencional da Korg, o KR 55B possui recursos e precisão aliados a uma simplicidade de operaçao que o tornam atraente. Nas lojas de instrumentos importados, o computador sai pelo equivalente a US$ 890 (agosto/85). *M.S.*

Marcos Smirkott é músico

AMANTES DO ROCK, JAZZ, CLÁSSICOS, SAMBA, BOSSA NOVA, REGGAE, COUNTRY, CHORINHO, MPB, TANGO E OUTROS RITMOS.

O CLUBE DO DISCO MESBLA ESTÁ LANÇANDO O MAIOR SUCESSO DAS PARADAS.

NA COMPRA DE QUALQUER DISCO VOCÊ GANHA UM CUPOM. SOMANDO 10 CUPONS VOCÊ GANHA UM DISCO.

No Clube do Disco Mesbla você sempre encontra os maiores sucessos nacionais e internacionais do momento. E com a promoção do Clube do Disco Mesbla, sua coleção vai ficar cada vez melhor.

Seja qual for o seu estilo musical, o Clube do Disco Mesbla não perde o ritmo com você.

CLUBE DO DISCO
Mesbla

Utilize o seu Cartão de Crédito Mesbla ou compre sem entrada pelo Credi Mesbla

PROVA FEJO

Foto Angelo Pastorello

Egberto toca seus violões como se fossem pianos

"Os sintetizadores são a resposta ao bombardeio de Hiroxima"

Egberto Gismonti não toca *um* instrumento. Em disco ou ao vivo, ele explora as possibilidades musicais de um vasto e variado arsenal, que inclui desde duas dezenas de teclados e aparelhos eletrônicos até flautas indígenas e cítaras.

"Não tenho paixão pelo *instrumento*, em si", confidencia Gismonti. "Tenho paixão pela *música*."

"O que não significa que eu não seja apaixonado por um determinado instrumento", continua, "por causa da história de cada um deles."

Aos 37 anos, Gismonti construiu uma obra tão ampla quanto sua capacidade de instrumentista. E às vezes fica difícil lembrar que tudo começou da forma mais simples — a tradicional história da mãe que leva o filho para tomar lições de piano.

Seria tradicional se a própria família de Gismonti não fosse incomum, pelo menos para a década de 50.

Egberto foi criado em Friburgo, no Estado do Rio, dentro de uma família musical. Aos 6 anos foi matriculado no curso de piano da professora Elza Xavier de Melo. A princípio, o piano era uma brincadeira a mais — e das boas, pois era estimulada pelos pais. "E era uma gracinha extra", recorda Gismonti, "porque eu tocava em missas e em festinhas de fim de ano na escola."

"Meus pais foram muito corajosos", continua. "Naquela época, numa cidade pequena como Friburgo, tocar piano era coisa de moça. O próprio colégio onde eu estudava pressionava meus pais, por causa disso."

Apesar da pressão, o pai de Gismonti continuou incentivando o filho, alimentando seu crescente interesse por música com discos de pianistas como Thelonius Monk e Oscar Peterson. Mas, como todo adolescente, aos 13 anos Gismonti começou a confrontar os pais. "Eu não me lembro direito", confessa Egberto, "mas minha mãe diz que eu reclamava muito nessa época, porque não me sobrava tempo para coisa alguma. Eu estudava num colégio de padres e com a professora Elza, e isso me tomava o dia inteiro."

Os pais de Gismonti não desanimaram e deram a ele um instrumento novo, um misto de miniviolão e cavaquinho. Porém, somente numa viagem ao Rio de Janeiro, aos 17 anos, Gismonti pegaria o violão a sério, "muito influenciado pela bossa-nova, mas, na verdade, sem referência técnica em relação ao instrumento".

Gismonti, então, começou a estudar o violão sob o ponto de vista do piano. "Quem estuda piano", explica Egberto, "tem duas mãos independentes. Quem estuda violão tem duas mãos dependentes."

Contrariando a regra do violonista, Gismonti acabou se aproximando, em atitude, do maior violonista brasileiro, Baden Powell. "Meu pai me deu uns discos do Baden", recorda: "Uns discos até bem obscuros, gravados na Europa. E eu ficava na frente do toca-discos, ouvindo as músicas e escrevendo numa partitura tudo que eu ouvia".

Um belo dia, por um destes fortuitos golpes do destino, Gismonti acabou frente a frente com Baden, na própria casa do violonista, levado por um amigo comum que se entusiasmara com o estilo de Egberto. Baden pediu que ele tocasse e Gismonti tocou uma das peças mais difíceis e menos conhecidas de Baden, o "Choro para Metrônomo".

Baden custou a crer nos próprios ouvidos — ali estava um garoto que não apenas transcrevera em partitura um verdadeiro labirinto polirrítmico e polimelódico, mas que ainda por cima emprestava ao intrincado choro seu próprio estilo. Baden pegou um segundo violão e os dois tocaram esta mesma música durante três horas.

"O que eu tocava não era o que se esperava do instrumento", diz Gismonti. Talvez por isso Gismonti tenha resolvido modificar o próprio instrumento, ajudando a criar violões de 8 e 14 cordas (o normal são seis).

Os instrumentos acústicos continuam sendo a grande paixão de Gismonti, apesar de usar teclados eletrônicos desde 1974. "A possibilidade de expressão num instrumento eletrônico ainda está muito aquém do que se consegue num instrumento acústico. Mas eu gosto deles. Acho que são a resposta do Japão ao bombardeio de Hiroxima. Agora, através de seus equipamentos eletrônicos — todos muito bons e muito baratos —, os japoneses estão conquistando o mundo. E ninguém segura eles." J.E.R.

FICHA TÉCNICA

TECLAS E CORDAS

Egberto usa quatro violões — um Ramirez, espanhol, de 14 cordas; um Mitsuru Tamura, japonês, de 10 cordas; um Adams Jr., norte-americano, de 12 cordas; um Hopfi, alemão, de 6 cordas afinadas uma oitava acima da afinação normal.

Seus teclados eletrônicos favoritos são da marca Oberheim e Casio. Seu piano é um Blüthner.

MARIE & JEAN O VISUAL HIT
marie&jean
o visual*
UIDADE DE QUALIDADE À VENDA EXCLUSIVAMENTE NAS ÓTICAS.
OPTISOL INDÚSTRIA ÓTICA

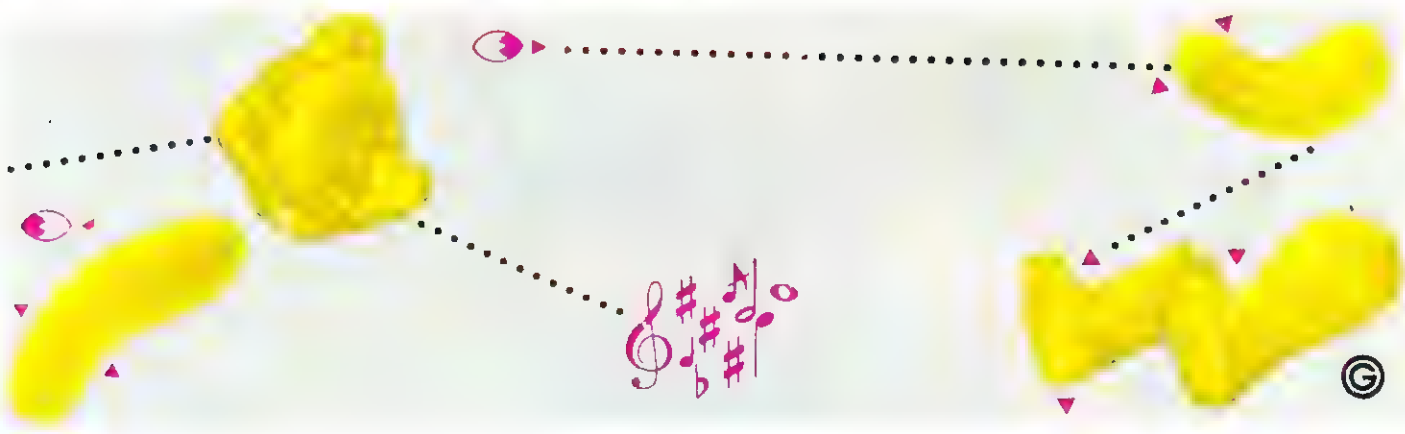


Ilustração Gustavo Suarez

Os ursinhos, computadores e carros do futuro

Adeus, ursinhos de pelúcia convencionais. Com a miniaturização e a queda dos preços de microcircuitos eletrônicos, os ursinhos poderão até manter as peles com as quais os vimos revestidos durante nossas infâncias. Mas eles nunca mais serão os mesmos. No próximo Natal, as crianças americanas vão poder ter a seu lado, para embalar o sono, um ursinho que pisca, mexe a boca e o nariz, conta historinhas e canta canções sobre um mundo imaginário chamado Grundo.

A informática chega aos brinquedos, com os novos ursinhos digitais

O ursinho se chama Teddy Ruxpin. O responsável por esta virada no mundo infantil e na indústria de brinquedos é um certo Ken Forse. Para quem já esteve na Disneylândia ou já viu documentarios sobre o local, Forse foi o criador daquela réplica mecânica do ex-presidente Abraham Lincoln, uma espécie de robozão que gesticula e fala. Perto de Teddy e da microeletrônica, uma engenhoca hoje em dia meio desengonçada.

Desengonçada e cara, porque é movida por sistemas hidráulicos e pneumáticos que custam uma fortuna. No caso do ursinho, que vai custar 60 dólares, o segredo está na utilização de chips de computador e pequenos motores. Nas costas do ursinho vai escondida, uma fita cassete. Nela estão as histórias e os códigos digitais que controlam os motores responsáveis pelos movimentos de olhos, nariz e boca.

Não só os ursinhos estão mudando. Os carros também. No automóvel de amanhã, o motorista vai quase poder sentar no banco de trás e ver tudo funcionar sozinho. Com a ajuda, é claro, dos microcircuitos.

Os computadores vão mudar marchas, ajustar a temperatura do motor, acender luzes e desempenhar muitas outras tarefas.

Sob o capô do carro, muitos sistemas mecânicos vão mesmo desaparecer

Debaixo do capô, vão simplesmente desaparecer muitos dos sistemas mecânicos. Eles vão ser substituídos por um micro que vai continuamente ajustar o motor, ajustar a suspensão e monitorar o escapamento para evitar poluição.

A General Motors está investindo uma altíssima soma num instituto de pesquisa em Luxemburgo para determinar especificações e funcionamento dos sistemas digitalizados para carros. Um dos problemas é conseguir colocar placas de circuitos embaixo de capôs. São regiões quentes e sujeitas a muita trepidação, o que leva à necessidade de especificações quase militares.

O funcionamento dos sistemas é simples. A entrada de dados é feita através de sensores que medem velocidades, pressões, fluxos, exigências do motorista e outras variáveis. O *design* atual da GM pode lidar com até 512 variáveis. O processador digital, programado para responder à combinação particular motor/veículo, faz cálculos de frações de segundo e serve como saída para controlar combustível, ar, ignição e outras variáveis que levam a uma melhor operação do veículo.

Enquanto isto, no Japão investe-se muito na produção dos chamados computadores de quinta geração. São máquinas que darão um largo passo adiante, levando a computação ao terreno da inteligência artificial.

Máquinas que serão capazes de reproduzir maneiras do pensamento humano e de tomar decisões.

Em vez de contas, os computadores vão fazer suas inferências lógicas

O programa japonês prevê um protótipo para 1992. Mas, no ano passado, cientistas do Japão já apresentaram uma "máquina de inferências" de uso pessoal, com capacidade de processamento de 30 mil inferências lógicas por segundo (LIPS).

Recentemente, os japoneses mostraram mais um adianto na corrida, revelando um computador capaz de fazer 200 mil LIPS.

As inferências lógicas são os blocos de construção de inteligência artificial. O que os japoneses estão tentando fazer é criar um sistema que possa lidar com inferências, como unidades básicas de sua operação. Os computadores convencionais utilizam como unidades básicas as operações aritméticas.

O Centro Japonês de Quinta Geração (ICOT) já deu uma amostra do poder de sua máquina. Colocou-a para arranjar, com o menor número de movimentos, um quebra-cabeças de 362.880 configurações diferentes. A máquina foi mais longe. Criou uma harmonia para quatro instrumentos a partir de uma melodia.

Foto Estúdio Abril

DAVID BOWIE

LOW (1977)

O ano levante punk, 1977, foi fundamental para a história do rock. Mas David Bowie já pressentia, quatro anos antes dessa subversão explosiva, os sintomas da estagnação. Foi quando trocou a Inglaterra — onde reinava absoluto — pela América.

Bowie chegou à América dando entrevistas nas quais chamou o rock de "música de gente burra". Anunciou sua adesão à carreira de ator e à *soul music* "plastificada" do sul dos Estados Unidos. Acabou sendo, portanto, um precursor da *discothèque*.

Depois de dois anos do lado de cá do Atlântico, ele faz as malas e parte para Berlim, fechando o ciclo "Bowie in América". No ciclo, fatura o famigerado prêmio Grammy (concedido ao melhor da indústria fonográfica americana) com "Fame", faz o papel principal do filme *O Homem que Caiu na Terra* e grava *Station to Station*, LP descrito por Allan Jones, do "Melody Maker", como o "mais revolucionário da década". Só que, como escreveu uma vez Ezequiel Neves, cada década tem pelo menos quarenta anos para os críticos ingleses. Ele tinha razão.

Revolucionário mesmo foi *Low*, cuja capa — uma foto do *O Homem que Caiu na Terra* — já insinua o tema central das poucas e curtas letras do disco. É só somar "low" ao perfil de Bowie e temos "low profile" (baixo perfil), uma expressão inglesa para pessoas que procuram aparecer o menos possível.

O tema é, claro, o exílio voluntário em Berlim. O universo, quase sempre o espaço entre quatro paredes: "Azul, elétrico azul/ é a cor do quarto onde vou viver/ venezianas fechadas o dia todo/ nada para ler, nada para dizer/ vou me sentar e esperar pelo dom de som e visão" (em "Sound and Vision").

Outro chamariz a atrair Bowie é o rock alemão, que atravessa a década de 70 como a única trincheira da inventividade. É lá que as experiências com a eletrônica na música são desenvolvidas em graus obsessivos.

Nesse sentido, outra medida que contribui consideravelmente para a genialidade de *Low:* a convocação do tecladista e produtor Brian Eno.

Seu domínio criativo da parafernália dos estúdios de gravação — em função da qual a música é composta — deixa Bowie fascinado.

Falando sobre o famoso lado 2 de *Low*, povoado exclusivamente por faixas instrumentais, ele diria: "Essas músicas são mais uma observação, em termos musicais, de como eu via o Bloco Oriental. Era algo que não podia expressar em palavras. O que precisava era de *texturas*, e de todas as pessoas que eu já ouvi compor texturas, as de Brian Eno eram as que mais me agradavam".

Dito e feito. Descritas como um "deserto futurista congelado por sintetizadores", estas texturas foram tão imitadas que viraram o gênero batizado de *cold wave* (espécie de tecnopop mais cerebral ou meditativo e desacelerado). São também a semente para outro "disco básico": *Closer* (80), do Joy Division. Uma banda que, no berço, levava o nome de Warsaw — extraído de "Warzawa", que abre o lado 2 de *Low*.

"Minha idéia era tentar fazer um retrato musical do interior da Polônia, mas eu não disse isso ao Brian. Foi bem simples até. Eu disse: 'Olha Brian, quero compor uma peça bem lenta, com um toque emotivo bem forte, quase religioso. É só isso que quero dizer agora. O que você sugere para começar?'. Ele respondeu: 'Vamos gravar uma fita só com estalos dos dedos'. E, aí, botou acho que 430 estalos numa fita virgem, que nós anotamos como pontos em uma folha de papel e demos um número para cada um, antes de destacar seções deles de um modo totalmente arbitrário. Quando voltamos para o estúdio para tocar, mudávamos de acorde ao alcançar o número combinado. Eu fiz o mesmo na minha parte. E, quando apagamos os estalos, pudemos ouvir como tinha ficado e compor o resto de acordo com o número de compassos que tínhamos dado um ao outro."

"Great performances", seleção de alta classe para enriquecer a sua discoteca.

COPLAND
Billy the Kid/Rodeo-Orquestra Filarmônica de New York-Leonard Bernstein

TCHAIKOVSKY
Capriccio Italien
RIMSKY-KORSAKOV
Capriccio Espagnol-Orquestra Filarmônica de New York-Leonard Bernstein

ORFF
Carmina Burana-Orquestra da Filadelfia, solistas e coro-Eugene Ormandy

GERSHWIN
Rhapsody in Blue/American in Paris-Sinfônica Columbia/Filarmônica de New York-Leonard Bernstein, solista e regente

GROFÉ
Grand Canyon/Mississippi, suites - Orquestra Filarmônica de New York-Leonard Bernstein/André Kostelanetz

RIMSKY-KORSAKOV
Sheherazade-Orquestra Filarmônica de New York-Leonard Bernstein

VIVALDI
As Quatro Estações - English Chamber Orchestre-Zukerman, solista e regente

BACH
Concertos de Piano nº 1,4 e 5-Glenn Gould, piano - Orquestra Sinfônica Columbia Bernstein/Golschmann, regentes

BACH
Variações Goldberg (Edição 1955)
Glenn Gould, piano

HANDEL
Música Aquática/Música dos Fogos de Artifício - Orquestra Filarmônica de New York - Pierre Goulez

PEDIDOS PELO REEMBOLSO POSTAL OU VARIG
RUA 24 DE MAIO, 253
FONE: 222-7033 - CEP: 01041

BRENNO ROSSI

Rua 24 de Maio e Shoppings Iguatemi, Ibirapuera Morumbi e Center Norte
CAMPINAS - Shopping Iguatemi
RIBEIRÃO PRETO Shopping
CURITIBA - Shopping Muller
PORTO ALEGRE - Shopping Iguatemi
RIO DE JANEIRO - Shopping Rio Sul e Barra Shopping
GOIÂNIA - Shopping Flamboyant

PREÇOS Cr$ 26.000, ATÉ 15/09/85

Foto Zeka Araujo Abril

Herbert Vianna

Importados para todos

"Fica todo mundo imaginando como dar um trambique na alfândega, como trazer equipamento do Paraguai, da Venezuela, sei lá de onde. Mas pode ser mais simples"

Eu tive uma idéia: propor ao governo da Nova República que facilite a aquisição de equipamento importado. Todas as bandas sabem a dificuldade que é trazer qualquer tipo de equipamento de fora. Todo mundo corta um dobrado danado para poder tocar, porque com o material que há no Brasil não dá. E este não é um problema só dos músicos. Os artistas plásticos, por exemplo, sofrem também, porque precisam trazer tudo de fora — tintas, telas, pincéis. E aposto que os microfones do Congresso são importados. Muitas pessoas não sabem disso, ou acham que é frescura. Mas não é. Basta perguntar a qualquer profissional: não dá para trabalhar com o material que temos aqui.

Até agora o pessoal tem resolvido o problema na base do jogo de cintura. Fica todo mundo imaginando como dar um trambique na alfândega, como trazer equipamento do Paraguai, da Venezuela, sei lá de onde. Mas pode ser mais simples. Uma federação de motociclismo — para citar um caso parecido — pode trazer motos importadas para, digamos, premiar os vencedores de um concurso. Por que a mesma coisa não pode acontecer com os músicos profissionais? Nós precisamos disso. E precisamos demais! No Rock in Rio todo mundo viu: o Angus Young tinha cinqüenta amplificadores. Eu tinha um. Se esse pifasse, adeus show.

Solução de governo

A gente sabe que é uma questão delicada, porque também é preciso proteger e incentivar a indústria nacional. Mas aí já não é problema nosso, mas do governo. O que vamos fazer é levar ao governo a nossa reivindicação. A solução tem que partir deles. A gente só quer deflagrar o processo.

A questão era *como*. Aí eu vi o Chico Anysio na TV indo falar com o Sarney e pensei: "Pronto, eu posso fazer a mesma coisa — botar um terno e uma gravata, subir a rampa do Palácio e marcar uma audiência com o Presidente". Mas não queria ir sozinho, porque não ia ter representatividade. Aí pensei no Roger, do Ultraje a Rigor, que é super meu amigo, uma pessoa ótima, topa tudo e é muito engraçado. Combinamos tudo: vou viajar agora, volto 15 de agosto e vamos lá. De terno e gravata. Acho que vai ser legal e que a imprensa vai cobrir. Para o Sarney vai ser legal, vai ser simpático receber a rapaziada do rock no Palácio.

Será, na verdade, uma troca de interesses entre a Nova República e o pessoal do rock. A Nova República precisa de um aval da juventude, principalmente depois que o Tancredo pisou na bola e disse que a juventude dele não era a juventude do rock. E para a gente vai ser importante, porque é o início de um reconhecimento, de um diálogo fundamental.

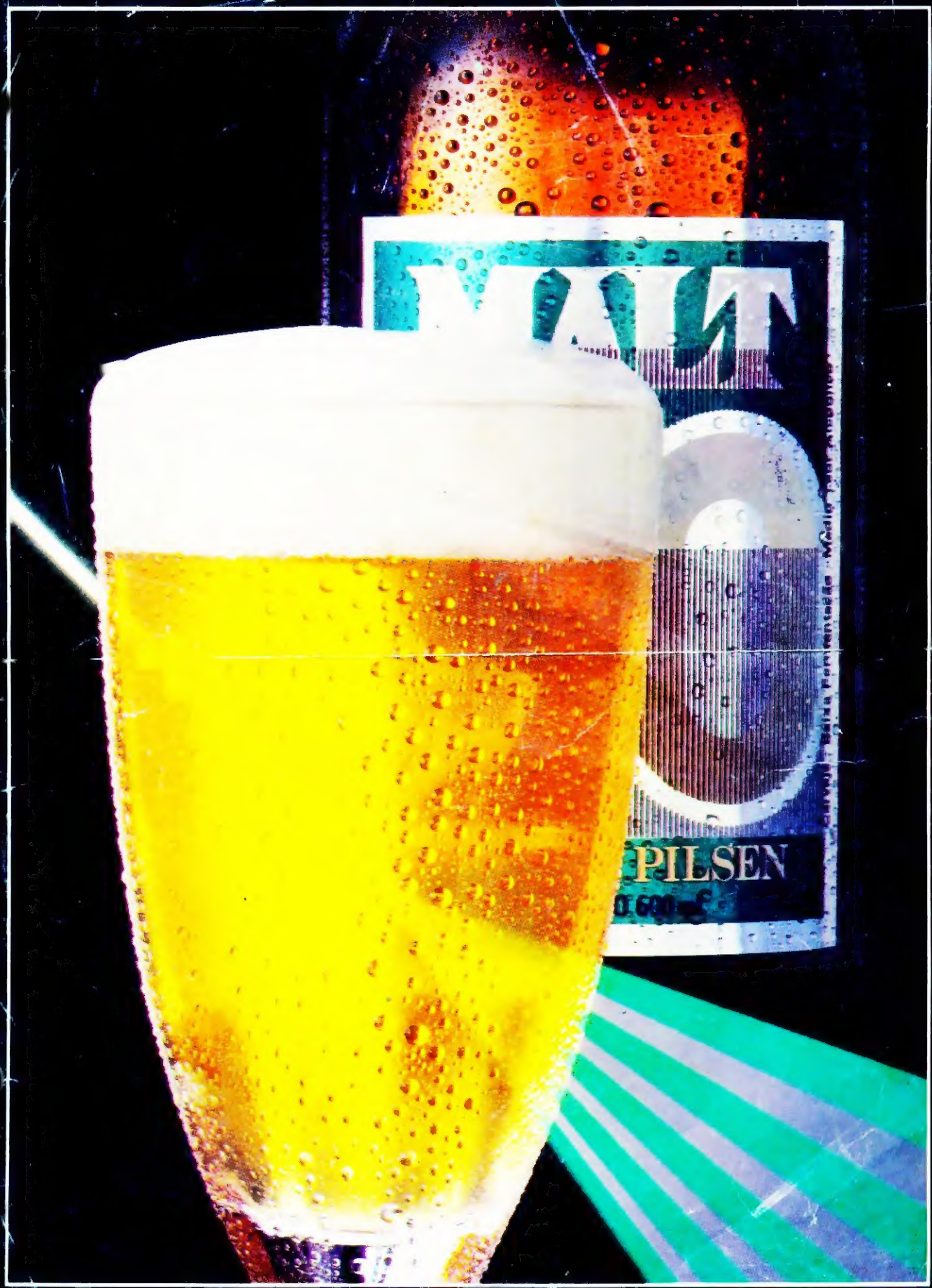
Veja só: nessa última viagem que os Paralamas fizeram pelo Nordeste nós tocamos para mais de 120 mil pessoas, no total. Não é brincadeira. Essa coisa precisa ter uma voz.

MÊS QUE VEM NA BIZZ
TEM: 30 ANOS SEM *JAMES DEAN* SUPERENTREVISTA COM O *ULTRAJE A RIGOR* O ROCK MULTIMÍDIA QUE ASSOLA A *FRANÇA* *JEFF BECK* ESTÁ DE VOLTA!

hollywood

O sucesso

O prazer é uma evidência.



Cerveja Malt 90. O prazer de fazer bem-feito.